

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

IGOR NEVES REIS

QUANDO A BOLA GANHA VOZ:

História, transformações e representações da narração esportiva no Brasil

Juiz de Fora
2026

Igor Neves Reis

QUANDO A BOLA GANHA VOZ: História, transformações e representações da
narração esportiva no Brasil

Trabalho final da disciplina de TCC 2 do Curso
de Jornalismo da Faculdade de Comunicação
da Universidade Federal de Juiz de Fora como
requisito para obtenção parcial do grau de
bacharel.

Orientador: Prof. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano.

Juiz de Fora
2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Reis, Igor Neves.

Quando a bola ganha voz : história, transformações e representações da narração esportiva no Brasil / Igor Neves Reis. -- 2026.

80 p.

Orientador: Álvaro Eduardo Trigueiro Americano
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2026.

1. Narração esportiva. 2. Futebol. 3. Rádio. 4. Televisão. 5. Streaming. I. Americano, Álvaro Eduardo Trigueiro, orient. II. Título.

Igor Neves Reis

QUANDO A BOLA GANHA VOZ: história, transformações e representações da
narração esportiva no Brasil

Trabalho final da disciplina de TCC 2 do Curso
de Jornalismo da Faculdade de Comunicação
da Universidade Federal de Juiz de Fora como
requisito parcial para obtenção do grau de
bacharel.

Aprovada em 13 de julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Ricardo Bedendo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Gustavo Teixeira de Faria Pereira
Universidade Federal de Lavras

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me abençoar e por me guiar todos os dias, fazendo com que minha caminhada se torne mais fácil.

Ao meu pai Luiz Ricardo, à minha mãe Ana Paula e ao meu irmão Diogo por me deixarem ter a honra de fazer parte dessa família tão maravilhosa. Sem vocês eu não estaria aqui. Estaremos juntos para sempre.

À minha namorada Rafaela, por me fazer mais feliz todo dia, por ser a minha parceira para tudo e meu grande amor. À família Lima, por todos os encontros repletos de amor e carinho.

Aos meus tios por todo o carinho, amparo e companhia durante todos esses anos. Teresa, Carmem, Paulo Murilo, Aluizio, Jovelina, Gisele, Alessandra, Luiz Fernando, Luiz Felipe, Dedega e João, em especial, por estarem por perto ao longo de toda a minha trajetória.

Aos meus avós Zé Roberto e Lena, Paulo Neves e Mara, que foram e são essenciais em minha vida. Vocês sempre estarão ao meu lado, por aqui ou na memória e na saudade.

Aos meus inúmeros primos por todos os momentos divertidos, leves e importantes durante esses 24 anos. Em especial, aos mais próximos, Lucas, Camila, Pedro Henrique, Fábio, Paula, Luiz Felipe, Maria Paula e Vicente.

Aos meus amigos da faculdade, Elias, Vinicius, Bernardo, Eduardo, Michel, Yan, Matheus P., Matheus T., Natã, Marcus, João Victor, Dartan e Guilherme por terem feito desse período um dos melhores de minha vida.

Aos meus amigos de escola que mantenho contato até hoje, Lúcio, Pedro, Henrique e Davi. Vocês foram essenciais durante grande parte da minha vida. Se esqueci de algum, perdão.

Aos funcionários da FACOM, Luiz Felipe, Sandro, Gilmar, Paulo e Monique pela amizade, atenção e suporte ao longo desses anos. Em especial, à Luiz Felipe e Sandro, grandes amigos que fiz.

Aos professores da FACOM por terem feito muito mais que somente ensinar. Em especial, ao Álvaro, ao Ricardo, ao Gustavo e ao Talison por tudo que fizeram e fazem por mim.

Aos amigos do futevôlei, do futebol e do dia a dia, os momentos de lazer são bastante necessários.

RESUMO

Este trabalho aborda as narrações de futebol no Brasil, partindo de uma breve contextualização de sua história, transformações e representações nos diferentes meios de comunicação. A partir da investigação das características das locuções na TV de sinal aberto, TV por assinatura e plataformas digitais, examinamos também a chegada e a atuação das mulheres nessa esfera. Para traçar um retrato desse cenário, a pesquisa reconstrói o histórico das narrações esportivas e sua evolução nos veículos de massa. Em relação à metodologia aplicada, trata-se da Análise de Conteúdo, a partir de Laurence Bardin, dividida nas etapas denominadas como pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados. O objeto de estudo reúne transmissões de futebol conduzidas por oito narradores escolhidos arbitrariamente, mas representativos na função de narrador de esportes para TV e com estilos diferentes. São eles: Cléber Machado, Gustavo Villani, André Henning, Luiz Carlos Júnior, Eduardo Monsanto, Raony Pacheco, Natália Lara e Renata Silveira. O estudo se dá a partir de categorias como perfil, linguagem, interação com os companheiros de transmissão e chat, estrutura ou formato, emoção e estilo narrativo, buscando mapear as principais nuances, aproximações e diferenças nas locuções.

Palavras-chave: narração esportiva; futebol; rádio; televisão; *streaming*; mulheres; análise de conteúdo.

ABSTRACT

This study examines football commentary in Brazil, focusing on its historical development, transformations, and representations across different media platforms. It aims to identify the characteristics of football commentary on free-to-air television, pay television, and digital platforms, while also examining the emergence and role of women in sports broadcasting. To contextualize this scenario, the study reconstructs the history of football commentary and traces its evolution across mass media. The research employs Laurence Bardin's Content Analysis methodology, which comprises three stages: pre-analysis, material exploration, and data treatment. The corpus consists of football broadcasts narrated by eight prominent contemporary commentators with distinct broadcasting styles: Cléber Machado, Gustavo Villani, André Henning, Luiz Carlos Júnior, Eduardo Monsanto, Raony Pacheco, Natália Lara, and Renata Silveira. The broadcasts are analyzed according to the following categories: profile, language, interaction with fellow broadcasters and the live chat, structure and format, emotion, and narrative style. The findings seek to map the main characteristics of contemporary football commentary in Brazil.

Keywords: sports commentary; football; radio; television; streaming; women; content analysis.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Diferenças de estilo: TV de sinal aberto x TV por assinatura.....	38
Tabela 2 – Diferenças de estilo: TV por assinatura x <i>Streaming</i>	43
Tabela 3 – Categorias de análise.....	53
Tabela 4 – Cléber Machado	54
Tabela 5 – Gustavo Villani	55
Tabela 6 – André Henning	56
Tabela 7 – Luiz Carlos Júnior	57
Tabela 8 – Eduardo Monsanto	58
Tabela 9 – Raony Pacheco	59
Tabela 10 – Renata Silveira	60
Tabela 11 – Natália Lara	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 NARRAÇÃO COMO PARTE CENTRAL DO ESPETÁCULO NA MÍDIA

2.1 O COMEÇO DE TUDO: AS NARRAÇÕES NO RÁDIO

2.2 O GOL NAS TELAS: A CHEGADA E A CONSOLIDAÇÃO DAS NARRAÇÕES NA TV

2.3 A ENTRADA DAS MULHERES EM CAMPO E O SURGIMENTO DAS TRANSMISSÕES E NARRAÇÕES VIA STREAMING

3 NARRAÇÕES NA TV: AS REPRESENTAÇÕES EM CADA ÂMBITO

3.1 A FORÇA DA TV NO FUTEBOL BRASILEIRO

3.2 A SEGMENTAÇÃO A PARTIR DA TELEVISÃO POR ASSINATURA NO PAÍS

3.3 A RECONFIGURAÇÃO DAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS PELO STREAMING

3.4 ELAS DÃO AS CARTAS E A VOZ: A ATUAÇÃO FEMININA NA NARRAÇÃO ESPORTIVA

4 A ESCOLHA DA JOGADA: DO PLANEJAMENTO À ANÁLISE

4.1 FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

4.2 COLOCANDO A BOLA EM JOGO: A APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO NAS NARRAÇÕES

4.3 INFERÊNCIAS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 REFERÊNCIAS

7 APÊNDICES

1 INTRODUÇÃO

A narração ocupa posição central na história da comunicação esportiva, constituindo-se como prática que ultrapassa a simples descrição de lances e assume papel estruturante na construção do espetáculo midiático. Desde as primeiras transmissões radiofônicas no início do século XX, quando locutores buscavam “dar ao ouvinte [...] a ideia do que ia acontecer” (Tuma apud Guerra, 2004, p. 5), até as atuais transmissões multiplataforma, o ato de narrar tornou-se elemento fundamental na mediação entre esporte, mídia e sociedade. A evolução dos meios — rádio, televisão, TV por assinatura e *streaming* — revela que a narração organiza sentidos, mobiliza emoções, constrói identidades e participa da formação de memórias coletivas relacionadas ao futebol, esporte de maior impacto cultural no país.

O rádio inaugurou um estilo narrativo veloz, imagético e emocional, capaz de transformar o jogo em experiência compartilhada mesmo à distância. Com a chegada da televisão, o narrador passou a “legendar a imagem” (Motta, 2012, p.45), adaptando sua performance às possibilidades visuais do novo meio e contribuindo para a consolidação do futebol como produto midiático nacional. A partir dos anos 1990, a TV por assinatura intensificou a segmentação do público e introduziu formatos mais analíticos, enquanto o *streaming*, já no século XXI, reconfigurou o consumo esportivo ao incorporar interatividade, linguagem digital e maior diversidade de estilos narrativos.

A narração esportiva também reflete transformações sociais mais amplas, como a crescente presença feminina nas transmissões. De pioneiras como Zuleide Ranieri às narradoras contemporâneas, como Renata Silveira, a atuação das mulheres evidencia disputas simbólicas e avanços na representatividade dentro de um campo historicamente marcado pela hegemonia masculina. Essa ampliação de vozes reforça a necessidade de compreender a narração como prática cultural em constante transformação.

Diante desse cenário, esta monografia propõe uma investigação que articula história, transformações tecnológicas e representações profissionais, complementada por uma análise comparativa das transmissões. A partir dos fundamentos da análise de conteúdo, examinam-se diferenças de estilo, ritmo, enquadramento e construção narrativa em distintos meios, buscando compreender como cada plataforma produz

sentidos específicos para o jogo e para o papel do narrador. Ao integrar trajetória histórica, mudanças estruturais da mídia e análise sistemática das práticas narrativas, o estudo demonstra que a narração esportiva permanece elemento central do espetáculo, continuamente adaptada às transformações tecnológicas e às novas formas de consumo do futebol no Brasil.

A relevância da pesquisa decorre da centralidade do futebol na cultura brasileira e da importância da narração como estrutura da experiência de acompanhar o esporte. Apesar de amplamente presente no cotidiano midiático, a narração esportiva ainda é pouco explorada de forma sistemática na literatura acadêmica, especialmente no que diz respeito às comparações entre plataformas. A emergência do *streaming* e a diversificação dos estilos narrativos tornam pertinente compreender como essas mudanças impactam o espetáculo, a relação com o público e as representações profissionais.

Metodologicamente, a pesquisa adota a abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise de conteúdo. O *corpus* inclui transmissões selecionadas em diferentes plataformas, analisadas conforme os princípios de Laurence Bardin (1977), permitindo observar padrões narrativos, estratégias discursivas e enquadramentos. A investigação quanto às semelhanças e diferenças entre os meios pode evidenciar como cada formato constrói sentidos específicos para o jogo, para o narrador e para o espetáculo esportivo, articulando elementos históricos, tecnológicos e culturais.

2 NARRAÇÃO COMO PARTE CENTRAL DO ESPETÁCULO NA MÍDIA

Este capítulo discute a narração esportiva como elemento central do espetáculo midiático, compreendendo-a não apenas como mera descrição de lances, mas como prática que organiza o sentido do jogo, mobiliza emoções e aproxima o público do evento transmitido. Parte-se da ideia de que a narração atua como mediação entre esporte, mídia e sociedade, contribuindo para a construção de memórias, identidades e formas de consumo do futebol no Brasil.

Ao longo do item, são apresentados os principais momentos históricos da narração no rádio, na televisão e nas plataformas digitais, destacando mudanças técnicas e estilísticas que acompanham a evolução dos meios de comunicação. Com base em autores como Guerra (2006), Motta (2012), Schetini (2006) e Ferro (2021), discutem-se o surgimento das transmissões, a consolidação de narradores e narradoras, bem como a ampliação das possibilidades trazidas pelo *streaming*. Nesse sentido, objetiva-se mostrar como a narração permanece central para transformar o jogo em espetáculo midiático, ainda que continuamente adaptada às novas tecnologias.

A seleção desses marcos históricos justifica-se pelo fato de que, ao serem explorados e analisados, tais momentos auxiliam no enriquecimento do *storytelling* nas transmissões e narrações esportivas, conferindo-lhes maior consistência, contexto e credibilidade.

2.1 AS NARRAÇÕES NO RÁDIO: O COMEÇO DE TUDO

Para entender o surgimento das narrações futebolísticas no rádio, já no século XX, é necessário regressar algumas décadas, até aquele, ou melhor, aqueles que seriam os primeiros passos para a difusão deste meio de comunicação tão importante. Em 1863, por meio de James Clerck Maxwell¹ e sua teoria sobre a existência das ondas eletromagnéticas, percebeu-se a possibilidade de emitir mensagens pelo ar em grandes

¹ James Clerk Maxwell (1831-1879) foi um físico e matemático escocês que contribuiu para a construção do primeiro transmissor e receptor de rádio.

distâncias (Motta, 2012). Já em 1888, decorridos 25 anos, Heinrich Rudolf Hertz², tendo como base os estudos de Maxwell, desvenda o fato de o som se propagar por sinais radiofônicos (Ferraz, 2025). A relevância de Hertz pode ser observada pela denominação da unidade de frequência³ que leva seu nome.

A partir dessas contribuições, o rádio foi uma tecnologia desenvolvida no final do século XIX. Algo que chama a atenção é a indefinição quanto a quem foi o principal responsável pela criação do veículo. O italiano Guglielmo Marconi⁴ executou as primeiras transmissões telegráficas sem fio em meados de 1896, no entanto, sua emissão inicial através de voz e música aconteceu somente dez anos depois, em 1906. Porém, há registros de experimentações prévias realizadas pelo padre brasileiro Roberto Landell de Moura⁵, que trabalhou com transmissões de voz em 1899, mas não patenteou suas experiências (Guerra, 2006). Tal história mostra que a invenção do rádio decorreu de uma sinergia entre importantes personagens, que forneceram muito em prol de um bem que mudaria, completamente, a forma de se transmitir informações e narrar fatos no planeta.

A chegada do rádio ao Brasil configurou-se como um marco significativo, já que, em 7 de setembro de 1922, Epitácio Pessoa, presidente da República na época, realizou o discurso de abertura da Exposição do Centenário da Independência por meio desta tecnologia, implementando, oficialmente e de vez, seu uso no país. O pronunciamento do presidente foi feito no Rio de Janeiro, mais especificamente na Praia Vermelha, e transmitido através de uma estação emissora situada no Corcovado, de procedência estadunidense, alcançando receptores em Niterói, Petrópolis e São Paulo (Tavares, 1999, apud Guerra, 2000).

Na década anterior, efetuaram-se transmissões radiofônicas experimentais, porém sem muito sucesso e repercussão. A Rádio Club Pernambuco, por exemplo, destacou-se como pioneira na atividade, em 1919 (Schetini, 2006).

² Heinrich Rudolf Hertz (1857-1894) foi um físico alemão responsável pelo descobrimento da forma de produção das ondas eletromagnéticas.

³ Medida que determina o número de oscilações, ciclos ou repetições por segundo das ondas sonoras.

⁴ Guglielmo Marconi (1874-1937) foi um dos pioneiros e responsáveis pela invenção e desenvolvimento do rádio.

⁵ Roberto Landell de Moura (1861-1928) é considerado por muitos o principal precursor do rádio.

Um fato que chama a atenção é a variedade de opiniões acerca desse relevante discurso de Eptácio. Para Edgar Roquette-Pinto⁶, pioneiro e referência fundamental na história do rádio brasileiro, tal transmissão não foi bem vista pelas pessoas, já que características como a baixa qualidade do som e o desinteresse da população ficaram evidentes. “Era uma curiosidade sem maiores consequências” (Tavares, 1999, *apud* Guerra, 2006, p.14). No entanto, segundo pesquisadores como Santos⁷ (2013) e o Jornal A Noite, o acontecimento foi bastante positivo. A primeira destacou que “o evento foi, de fato, um sucesso” (Santos, 2013, p.43). Já o periódico fluminense, em 8 de setembro de 1922, descreveu um pouco mais sobre aquele importante momento, por meio de uma nota.

Uma nota sensacional do dia de ontem foi o serviço de radiotelephone auto-falante, grande atrativo da Exposição. O discurso do Sr. Presidente da República, inaugurando o certamen foi, assim, ouvido no recinto da Exposição, em Nictheroy, Petropolis e São Paulo, graças à instalação de uma possante transmissora no Corcovado e de aparelhos de transmissão e recepção, nos logares acima (Ortriwano, 2002, p.69).

Após quase uma década, mais especificamente em 1931, realiza-se o que muitos apontam como a primeira transmissão esportiva integralmente narrada no Brasil. O responsável por tal feito foi Nicolau Tuma, locutor da Rádio Educadora Paulista, que transmitiu a vitória por 6x4 da seleção de São Paulo contra a seleção do Paraná. A velocidade e a dinamicidade com a qual emitia as diversas palavras aos ouvintes lhe garantiu o apelido de “speaker metralhadora” (Motta, 2012).

Eu precisava dar ao ouvinte que estava ligado com seu rádio galena à minha transmissão a ideia do que ia acontecer. Não imaginava como poderia fazer isso até que cheguei ao estádio e busquei em uma caixinha de fósforo a melhor forma de descrever o campo de jogo. Falei: imaginem, ouvintes, uma caixa de fósforo ou pensem num retângulo. Ao abrir o microfone, disse: estou aqui no reservado da imprensa, contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerais e vou transmitir para vocês que me ouvem o relato fiel do que vai acontecer em campo. Do lado direito da caixinha estão os paulistas e, do esquerdo, os paranaenses (Tuma *apud* Guerra, 2004, p. 5).

⁶ O carioca Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) é tido como responsável por fundar a primeira rádio do país, a Rádio Sociedade, do Rio de Janeiro.

⁷ Geórgia Pelissaro dos Santos é jornalista, professora e roteirista. Trata do tema em sua tese de mestrado, realizada na PUCRS e publicada em 2013.

Entretanto, assim como ocorre com a história sobre o pontapé inicial das transmissões no país, de modo geral, também há debates e discordâncias em relação ao autor do primeiro evento futebolístico irradiado por aqui. Amador Santos, da Rádio Clube Brasil, do Rio de Janeiro, aparece como o precursor da narração pelo rádio para vários pesquisadores, com atuações por volta de 1925. Tal fato ilustra a diversidade de estilos e a ambição de alguns relevantes nomes por essa nova maneira de trazer o que viria a ser o esporte mais popular do país para as pessoas. As individualidades de cada narrador contribuíam para o enriquecimento e desenvolvimento das narrações pelo rádio. “Renato Musse é bem enfático na distinção entre o que fazia Amador Santos e Nicolau Tuma. Ele lembra que o primeiro tinha um estilo sóbrio, enquanto o segundo imprimiu a velocidade que as partidas de futebol ganharam no rádio” (Guerra, 2006, p.20).

Destaca-se, ademais, a importância das transmissões realizadas do Uruguai durante a Copa do Mundo de 1930, que permitiram a alguns brasileiros acompanhar as partidas pelo rádio. Apesar das limitações técnicas e dos desafios inerentes à pouca tecnologia da época, especialmente em comparação aos avanços posteriores, a Rádio Jornal do Brasil entrou para a história ao protagonizar esse momento, tornando-se pioneira na transmissão desse evento marcante.

Se por meio do impresso era necessário aguardar um dia pela “transmissão”, o rádio começou a despontar como uma possibilidade tecnocientífica de uma comunicação mais síncrona. Na mesma página do Jornal do Brasil há um registro memorável da transmissão radiofônica do primeiro jogo do Brasil em uma Copa do Mundo. Essa anotação sinaliza também para as barreiras encontradas em um processo ainda no começo. Portanto, há uma dimensão da incerteza pela escassez também técnica (Bedendo, 2025, p.129).

Algo que também chamava a atenção eram as estratégias adotadas visando o melhor entendimento do ouvinte acerca da partida, que, aos poucos, ia criando uma relação importante com o meio. “Uma curiosidade: neste período inicial, as transmissões radiofônicas tiveram o apoio visual dos jornais, que publicavam um esquema com o campo de futebol dividido em quadros e o posicionamento dos jogadores” (Motta, 2012).

Neste início, repórteres, comentaristas e plantonistas não se faziam presentes nas transmissões. A responsabilidade em levar e ditar o ritmo da radiodifusão ficava à cargo somente dos locutores. O estilo de narração utilizado por Nicolau Tuma, por exemplo,

vinha, também, com um tom de precaução para não conceder espaços maiores de tempo sem a sua fala durante o jogo, já que abriria brechas para uma possível mudança de estação por parte do ouvinte naquele momento (Guerra, 2006). À medida que as transmissões radiofônicas se consolidaram no cotidiano da população e passaram a conquistar maior adesão popular, tornaram-se necessárias adaptações em seus formatos e linguagens, com o objetivo de viabilizar a expansão desse setor.

Durante a década de 1930, o futebol profissional ia se espalhando pelos grandes centros e a demanda por cobertura esportiva via rádio também. Conforme o desejo para que a partida do seu time do coração fosse transmitida via ondas radiofônicas, criou-se a necessidade de gerar condições para que as transmissões acontecessem, fazendo com que soluções técnicas surgissem (Ferraz, 2025, p.13).

A partir desse viés, é importante lembrar de Paulo Machado de Carvalho⁸, importante figura do rádio e do esporte brasileiro. Ele foi chefe da delegação brasileira em duas Copas do Mundo, as de 1958 e 1962, nas quais o Brasil conquistou seus primeiros dois títulos. Devido a essas atuações, Paulo recebeu o apelido de “Marechal da Vitória”. No âmbito da comunicação, ele foi o responsável por criar o plantão esportivo, por meio do programa “Esporte pelas antenas” na Rádio Record. Durante a transmissão, um repórter ficava com a função de ligar para a sede da emissora assim que saísse um gol em outra partida, fazendo com que José Augusto Siqueira passasse a informação ao narrador, que contava aos ouvintes sobre o ocorrido instantes depois (Guerra, 2006).

Um ponto relevante da história do rádio brasileiro foi o primeiro uso de um sinal sonoro ao longo de uma locução. As conhecidas vinhetas foram introduzidas por Ary Barroso⁹, em 1934. Outro elemento significativo a ser considerado nessa época diz respeito ao surgimento do bairrismo, presente nas narrações de paulistas e cariocas há quase cem anos. Os locutores imprimiam regionalismo e davam um toque de torcedor às transmissões, aumentando a rivalidade entre os estados.

De olho na audiência, Paulo Machado mandou instalar um enorme alto-falante para os torcedores ouvirem a partida, que seria transmitida pela Record e narrada por Amador Santos, pioneiro das transmissões

⁸ Paulo Machado de Carvalho (1901-1992) era um importante empresário e comunicador. Fundou a Rádio Record.

⁹ Ary Barroso (1903-1964) foi compositor, pianista e radialista. É considerado relevante nome da música popular brasileira, autor de clássicos como “Aquarela do Brasil”.

esportivas no Rio de Janeiro. Quando o jogo começou, os paulistanos reunidos no largo da Misericórdia pareciam não acreditar no que ouviam. O speaker da Rádio Clube do Brasil enaltecia cada toque de bola de Leônidas da Silva, Oscarino e Jarbas, da seleção carioca e quase não pronunciava o nome de Orozimbo, Tunga, Imparato e Romeu, craques do combinado paulista (Cardoso; Rockmann, 2005, apud Guerra, 2006, p.22).

Alguns anos depois, mais precisamente no dia 5 de junho de 1938, ocorre a primeira transmissão de um jogo da seleção brasileira em Copas do Mundo para o país. Os canarinhos venceram a Polônia por 6x5 na França e o locutor da Rádio Clube Brasil, do Rio de Janeiro, foi Gagliano Neto, que convidou Ary Lund para ser o comentarista da seleção na competição. Naquele momento, com a evolução tecnológica e o desenvolvimento do rádio, era inadmissível perder a oportunidade de contar a história do Brasil em mais um Mundial (Götz, 2020).

Um marco importante para a narração futebolística no rádio é a ascensão de Rebello Júnior, por volta de 1946. Ele promoveu uma transformação na forma de enunciar, durante a transmissão, o momento mais aguardado pelos ouvintes: o grito de gol.

Em São Paulo, em 1946, surge o locutor Rebello Júnior. Ele é o responsável pela criação do chamado “gol esticado”: gooooooooool. Por isto, passou a ser chamado de “o homem do gol inconfundível”. Forma que acabou sendo reproduzida e que faz parte do estilo de boa parte dos narradores no rádio. Alguns dizem que, na verdade, esticar o grito de gol é um recurso que os locutores têm quando não sabem quem foi que marcou o gol e contam com a ajuda do comentarista ao lado ou do repórter de campo (enquanto o gol é “esticado”, um dos outros membros da equipe informa o autor) (Guerra, 2006, p.29).

Outro fato que não se pode esquecer é a fundação da Rádio Panamericana, atual Jovem Pan, em São Paulo, ainda na década de 1940. Em seus primeiros anos, a emissora realizou diversas iniciativas em prol do progresso das transmissões de futebol no rádio. A especialização em esportes possibilitou o surgimento do comentarista de arbitragem e do plantão esportivo e o investimento em repórteres de campo (Poletto et al., 2016). Para se ter uma ideia da dimensão do rádio no Brasil, em 1950, existiam 2086 estações radiofônicas e cerca de 80 milhões de pontos de recepção (Schetini, 2006).

Apesar do vigente desenvolvimento das tecnologias de comunicação com o passar dos anos, que possibilitou o crescimento de novos meios, como a televisão, o rádio se reinventou e se manteve por muito tempo sendo uma das principais fontes de

informação do brasileiro. Tal veículo consolidou-se como algo atemporal, exercendo um papel relevante e insubstituível na sociedade.

2.2 O GOL NAS TELAS: A CHEGADA E A CONSOLIDAÇÃO DAS NARRAÇÕES NA TV

Assim como no rádio, para se compreender melhor as narrações futebolísticas pela televisão, é fundamental retornar mais de cento e cinquenta anos, período em que se delinearam os primeiros movimentos rumo à disseminação desse inovador meio de comunicação. “Desde o início do século XIX, os cientistas se preocupavam em transmitir imagens à distância. Em 1842, Alexandre Bain inventou aquilo que hoje é o fax e que permitiu fazer a primeira transmissão de imagem” (Schetini, 2006, p.21). Alguns anos após esse feito, mais precisamente em 1884, na Alemanha, se inicia uma série de descobertas que contribuem diretamente para a constituição do dispositivo televisivo.

A história da tv começa em 1884, na Alemanha, quando o pesquisador Paul Nipkow patenteou um disco, parte elétrico e parte mecânico, que, no começo, copiava, e com algumas adaptações passou a transmitir imagens em movimento (Guerra, 2006, p.103).

Posteriormente, outros pesquisadores realizaram contribuições relevantes, que impulsionaram o avanço do processo de desenvolvimento do aparelho televisivo ao redor do mundo.

Em 1907, o inventor russo Tosing conseguiu produzir um sinal usando os tubos catódicos inventados por outro cientista, Braun (1897). Em 1911, o processo evoluía com a invenção da telecâmara eletrônica de Campbell Swinton. Nos Estados Unidos, em 1923, Charles Jenkins conseguiu enviar imagens estáticas de Washington até a Filadélfia. Os primeiros passos para a televisão comercial foram dados pela RCA, com a tecnologia desenvolvida pelo russo naturalizado americano Wladimir Zworikin (Gontijo, 2004, apud Guerra, 2006, p.103-104).

No decorrer da década de 1920, importantes experiências marcaram os primórdios da televisão. Em 1924, o escocês John Logie Baird conseguiu emitir contornos de objetos e, um ano depois, imagens de fisionomias humanas. Em 1926 realizou uma apresentação acerca de seus feitos no Royal Institution, em Londres, destinada à comunidade científica, fato que posteriormente possibilitou a assinatura de um contrato com a BBC para testes de transmissões. Em janeiro de 1928, o sueco Ernst

Alexanderson, engenheiro da empresa estadunidense General Electric (GE), realizou a primeira transmissão televisiva destinada a residências, alcançando inicialmente apenas três casas nos Estados Unidos. Poucos meses depois, a GE, como era conhecida, passou a transmitir imagens regularmente, consolidando elementos fundamentais da televisão enquanto meio comunicacional (Schetini, 2006).

A inserção do esporte na programação televisiva ocorreu de maneira progressiva, acompanhando o processo gradual de consolidação da televisão enquanto meio de comunicação de massa. A partir da década de 1930, diferentes países como Alemanha, França, Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo, passaram a realizar experiências iniciais na cobertura de eventos esportivos. Tais ações contribuíram significativamente para a expansão e legitimação das transmissões esportivas no cenário internacional.

As transmissões esportivas na televisão começaram na década de 30 do século passado ao redor do mundo. Os americanos entraram pra história com a transmissão da primeira cobertura esportiva, em 1935, em um jogo de beisebol. Os alemães, um ano depois, cobriram os Jogos Olímpicos de Berlim, e no ano seguinte, os ingleses tiveram a oportunidade de ver a disputa de tênis de Wimbledon. Em 1948, os franceses transmitiram a primeira Copa do Mundo (Gomes, 2015, p.29).

O ano de 1950 marca a chegada dessa nova tecnologia ao Brasil, com a TV Tupi, pertencente ao grupo dos Diários dos Associados, de Assis Chateaubriand¹⁰, assumindo papel pioneiro tanto nas transmissões de alcance geral quanto naquelas voltadas ao esporte. No dia 18 de setembro, a atriz Lolita Rodrigues¹¹ canta o hino da TV brasileira na festa de inauguração da PRF3, de São Paulo, iniciando oficialmente a atividade televisiva no país (Schinner, 2011).

Já em 15 de outubro, menos de um mês depois, ocorre a primeira transmissão futebolística na TV no Brasil, com o Palmeiras vencendo o clássico contra o São Paulo por 2x0 no Pacaembu. O jogo aconteceu em um domingo e foi apresentado na segunda, devido a falta de tecnologia para transmissões “ao vivo” naquela época. A narração ficou sob responsabilidade de Jorge Amaral¹², ao passo que os comentários couberam a Ari

¹⁰ Assis Chateaubriand (1892-1968) era jornalista, político e empresário. Foi dono do maior conglomerado de mídias da América Latina.

¹¹ Durante o século XX, Lolita Rodrigues (1929-2023) destacou-se no rádio, no teatro, no cinema e, principalmente, na TV.

¹² Narrador brasileiro com trabalhos de destaque na Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo, e na TV Tupi.

Silva¹³, com a gravação realizada em estúdio (Gomes, 2015; Motta, 2012). Ademais, há um outro elemento que não deve ser negligenciado: a contribuição de Juiz de Fora para o processo histórico das transmissões esportivas no país, uma vez que a partida entre Tupi e Bangu, realizada em 1948, integrou um conjunto de partidas transmitidas em caráter experimental, voltadas ao aprimoramento dessa ferramenta na época (Schetini, 2006). O técnico em eletrônica Olavo Bastos, utilizando aparelhos próprios, foi o responsável por realizar tal transmissão.

No que diz respeito ao início da jornada da televisão no Brasil, além da TV Tupi de São Paulo, outras emissoras começaram a surgir no cenário. Inclusive, a segunda a iniciar suas atividades foi a filial da TV Tupi no Rio de Janeiro. “A TV Tupi do Rio de Janeiro só veio em 20 de janeiro de 1951. José Cunha foi um dos grandes nomes da narração da Tupi. Ficou conhecido com o bordão “ta láááááá...”, quando saía o gol” (Guerra, 2006, p.105).

Em 7 de setembro de 1953, foi a vez da TV Record passar a operar oficialmente, consolidando sua inserção no ramo. Logo em seus primeiros momentos, a nova emissora já almejava conquistar a liderança de audiência frente à Tupi, o que não seria fácil. O foco na área esportiva era evidente e possibilitou um grande crescimento do canal. “Para competir com Chateaubriand em pé de igualdade, algo ainda distante nos primeiros anos da emissora, a TV Record decidiu apostar de vez todas as fichas nas coberturas esportivas” (Cardoso; Rockmann, 2005, apud Guerra, 2006, p.106). Não foi apenas a TV Record que adotou essa estratégia, uma vez que tal direcionamento passou a ser considerado favorável por outras emissoras.

A TV Continental, que tem grande importância no desenvolvimento da televisão no Rio de Janeiro, fez sua pré-estreia apostando na transmissão do futebol. No dia 13 de maio de 1959, jogo Brasil 2 x 0 na Inglaterra, Waldir Amaral foi convidado para fazer a narração. Durante o jogo, três das quatro câmeras que estavam colocadas no Maracanã estragaram e durante 20 minutos a transmissão foi feita só com uma câmera, o que prejudicou o trabalho, mas a grande crítica foi em cima da narração. ‘Waldir Amaral, habituado ao rádio, foi criticado por sua narração atrasada em relação aos lances.’ Mesmo assim, Waldir Amaral, por alguns anos, transmitiu o jogo pela TV e rádio ao mesmo tempo (Guerra, 2006, p.106).

¹³ Tornou-se referência no âmbito esportivo ao comentar importantes partidas na TV Tupi e nas rádios Excelsior e Bandeirantes, ambas paulistas.

Ao término dos anos 1950, o Brasil contava com dez emissoras de televisão em operação, destacando-se a TV Excelsior, a primeira a adotar uma gestão estruturada que seguia princípios empresariais modernos, além de apresentar uma programação organizada e regular (Brinati, 2005). Com a ascensão da TV no país ao longo dos anos seguintes, torna-se pertinente destacar o acirramento da competitividade no setor. “Na década de 60, várias outras emissoras fora do eixo Rio - São Paulo entraram no ar. A concorrência agita o mercado. O Brasil começa a produzir mais e importar menos” (Schetini, 2006, p.25).

Em 1965, mais especificamente no dia 26 de abril, surge a TV Globo, que viria a se tornar a maior rede televisiva do país. Entretanto, apesar de sua rápida consolidação no mercado, inicialmente a Globo demonstrou resistência em incorporar à sua grade de programação a transmissão de partidas de futebol e de outras modalidades esportivas, uma vez que a direção da emissora avaliava que tal iniciativa poderia comprometer os índices de audiência de suas telenovelas e noticiários. Quase sete meses depois de sua inauguração, em 21 de novembro, Teixeira Heizer¹⁴ organizou aquela que seria a primeira transmissão futebolística da emissora carioca. (Guerra, 2006).

A transmissão do futebol já estava no ar há dez anos e a Globo não tinha nem um ano quando Teixeira Heizer resolveu lutar para convencer a direção da emissora de que o futebol teria uma grande audiência e que sua fórmula seria eficiente. O jogo escolhido para essa ‘aventura’ foi um amistoso entre Brasil e União Soviética, no Maracanã, dia 21 de novembro de 1965 (Guerra, 2006, p.108-109).

Em 13 de maio de 1967, a TV Bandeirantes deu início às suas atividades no cenário nacional, intensificando a concorrência no que posteriormente seria denominado televisão aberta. Nesse sentido, observa-se que a década de 1960 foi marcada pela inauguração de emissoras que, progressivamente, viriam a integrar o grupo líder de audiência no contexto televisivo contemporâneo (Schetini, 2006).

O avanço da televisão ao longo dos anos de 1970 tornou-se explícito. A introdução da transmissão em cores ocorreu no Brasil nesse período, embora seu acesso tenha sido restrito a uma parcela limitada da população, em razão do elevado custo dos

¹⁴ Teixeira Heizer (1932-2016) era um jornalista esportivo brasileiro e teve o crachá funcional “número 1” da Rede Globo.

aparelhos. A visualização da cor do gramado, dos uniformes das equipes e de outros detalhes era algo inovador (Brinati, 2005).

No Brasil, as primeiras transmissões experimentais da TV em cores ocorreram durante a Copa de 1970. Nesse ano, a tevê estava presente em 24% dos lares brasileiros, o que representava 4,2 milhões de casa (SODRÉ, 2010, p. 9). Uma curiosidade: o tento de Pelé naquela Copa foi o primeiro a ser transmitido em cores. Apenas 2 anos depois é que a TV em cores seria oficialmente inaugurada no Brasil (GARCIA, 2010, p. 1-5); e, em 1974, produziríamos nossas primeiras tevês nacionais com este recurso (SOUSA, 2002, p. 16) (Helal; Amaro, 2012, p.11).

Diante do cenário competitivo no campo televisivo, marcado pela atuação de emissoras já estruturadas, como a TV Globo e a TV Bandeirantes, observa-se a continuidade da expansão do setor. Nesse contexto, em 1980, o SBT iniciou suas operações, contribuindo, ainda mais, para o acirramento das disputas de audiência e mercado (Schetini, 2006).

A televisão aberta deixou de atender plenamente às demandas dos telespectadores, o que favoreceu a introdução da TV por assinatura no Brasil. Em 30 de julho de 1990 ocorreram as primeiras concessões e o Canal Mais (Canal Plus) tornou-se a primeira emissora por assinatura do país. A Globosat, do Grupo Globo, também foi pioneira no segmento, criando canais como GNT, Top Sports, Multishow e Telecine e consolidando-se especialmente na área esportiva.

Em 1992 surgiu o primeiro canal esportivo 24 horas, o SporTV, seguido pela TVA Esportes, intensificando a disputa pelos direitos de transmissão. A TVA aliou-se ao Clube dos 13, enquanto a Globosat firmou parceria com a CBF, o que resultou em forte concorrência no mercado. Em 1995, a TVA encerrou suas atividades no setor e investiu na criação da ESPN Brasil.

A partir desse contexto, consolidou-se no país o modelo de canais esportivos pagos, tendência que permanece, sendo raro o caso de canais abertos com programação exclusivamente esportiva. Atualmente, somente a X Sports, canal de televisão brasileiro dedicado 100% aos esportes, com sinal aberto e gratuito, se enquadra nesse aspecto.

Em relação aos canais esportivos por assinatura, verificam-se algumas características importantes de se destacar, como a segmentação das transmissões,

direcionadas a um público especializado, bem como a ampliação da oferta de eventos esportivos, com a exibição de reprises e compactos, por exemplo.

E com a chegada da televisão, pode-se dizer que existem os narradores do payper-view, ou TV fechada, e os de TV aberta. As linguagens de ambos são diferentes, o de TV aberta é mais popular, enquanto o da TV fechada não tem tanto essa preocupação, porque fala para um público mais selecionado. Não existe muita preocupação com o ritmo ou a descrição, afinal são várias as câmeras que mostram todo tipo de imagem da partida. Diante disso, vale para o narrador se municiar de informações e saber usar os comentaristas (Farias, 2013, p.24-25).

Ao se retornar algumas décadas, constata-se que, durante seus primeiros anos, as transmissões e narrações esportivas pela TV não alcançaram significativa aceitação por parte dos telespectadores. “As primeiras partidas transmitidas pela televisão eram consideradas sem muita emoção, monótonas. Isso era atribuído ao fato de os locutores tentarem dar uma nova forma de narração, que diferenciasse do rádio” (Guerra, 2006, p.100).

Diante desse contexto, alguns narradores do período, como Waldir Amaral¹⁵, passaram a demonstrar incertezas quanto à adoção de novos modelos narrativos ou à manutenção do estilo radiofônico tradicional. As narrações ainda não haviam alcançado suas melhores versões na TV.

Este foi um problema encontrado por todos, não só Waldir Amaral, mas todos aqueles que se arriscaram a narrar na televisão. De início, pairava a dúvida se o narrador deveria narrar os lances, lembrando que na TV o telespectador também estava vendo a jogada, e falar o óbvio, ou se deveria fazer comentários em cima das jogadas. Waldir Amaral, como mencionado, optou por narrar exatamente como fazia no rádio. Outros escolheram não falar o óbvio e apenas comentar os lances. Fato era que não existia um padrão, e todos buscavam fazer o que encaixasse melhor na transmissão (Gomes, 2015, p.30).

No que se refere aos estilos de narração na televisão, podemos abordar sobre alguns dos grandes nomes que se destacaram e contribuíram para o desenvolvimento da atividade no país a partir da metade do século XX, como Galvão Bueno, Luciano do Valle e Silvio Luiz. O primeiro, talvez o mais famoso entre eles, iniciou sua jornada na Rádio Gazeta de São Paulo, em 1974, e trabalhou na TV Globo por 43 anos (de 1981

¹⁵ Waldir Amaral (1926-1997) foi um radialista e locutor esportivo, tendo narrado 9 Copas do Mundo e uma Olimpíada.

até 2024), acumulando locuções de eventos históricos como várias Copas do Mundo e Olimpíadas. Em 2025, Galvão firmou contrato com a Band e, neste ano, passou a prestar serviços ao SBT. Ao longo de sua carreira, ele cultivou características como a forte carga emocional, especialmente em eventos que envolvem a seleção brasileira, a constante emissão de opiniões, a preocupação em agregar informações à narração e o diálogo estabelecido com o telespectador. Ao longo de sua trajetória profissional, Galvão Bueno consolidou diversos bordões emblemáticos, como “Sai que é sua, Taffarel”, “É tetra!”, “Haja coração!” e a saudação “Bem, amigos da Rede Globo”. Ele também se destacou no cenário da Fórmula 1, acumulando narrações históricas (Motta, 2012).

Galvão Bueno pode ser considerado “o” narrador esportivo brasileiro. Isso, porque a TV Globo, além de ser a rede de maior audiência - ou seja, ele é aquele locutor que “o telespectador mais vê na telinha” -, ela detém os direitos de transmissão da maioria dos grandes eventos esportivos. Com isso, Galvão exerce uma enorme influência nos lares brasileiros. Ele participa da organização de todo o espetáculo que é a transmissão do jogo de futebol. Apresenta-se como um cavalheiro, convidando os “seus amigos da Rede Globo” a fazerem parte da “festa.” (Brinati, 2005, p.61-62).

Luciano do Valle também iniciou sua carreira no rádio, com apenas 16 anos. Passou pela Rádio Educadora, Rádio Brasil, Rádio Gazeta e Rádio Nacional. Em 1970, com 23 anos, é contratado pela Globo e começa a trabalhar na TV, se destacando na apresentação de programas e, evidentemente, na locução de diversos esportes. Posteriormente, chegou a integrar o grupo de narradores da Rede Record e da Bandeirantes, já com muita experiência no currículo. Luciano faleceu em 19 de abril de 2014, aos 66 anos, após sofrer um infarto ao chegar a Uberlândia, onde cobriria a partida entre Atlético Mineiro e Corinthians pela primeira rodada do campeonato brasileiro. Seu estilo marcou época. “Luciano do Valle sempre usou a emoção ao extremo, esse é um dos pontos marcantes de sua narração. Optou pelo grito de gol demorado” (Schetini, 2006).

Assim como Galvão e Luciano, Silvio Luiz começou no mundo do radiojornalismo, em 1952, passando por Rádio São Paulo, Rádio Record e Rádio Bandeirantes. Com o passar do tempo, reuniu trabalhos em emissoras de TV relevantes, como no SBT, na TV Excelsior, na Bandeirantes e na Rede TV. Os bordões “Olho no lance!”, “Pelas barbas do profeta!”, “Pelo amor dos meus filhinhos!” e “Vai mandar lá no meio do pagode!”

contribuíram para tornar seu estilo narrativo inconfundível e facilmente identificável pelo público. Morreu em 16 de maio de 2024, aos 98 anos, vítima de falência múltipla de órgãos, após ser internado por um AVC. Durante sua trajetória, já se mostrava como uma referência para muitas pessoas. “O único narrador que trouxe uma pista de como pode ser um caminho para que a TV encontre um estilo próprio, menos presa ao formato do rádio, de transmitir o futebol” (Guerra, 2006, p. 119).

Alguns outros narradores com destaque na televisão merecem ser citados, em virtude de suas relevantes carreiras. São eles: Osmar Santos, Cléber Machado, Luís Roberto, Gustavo Villani, Luiz Carlos Júnior, André Henning, Paulo Andrade, Jorge Iggor, Rogério Vaughan, Milton Leite, Odinei Ribeiro, Everaldo Marques, entre muitos outros.

2.3 A ENTRADA DAS MULHERES EM CAMPO E O SURGIMENTO DAS TRANSMISSÕES E NARRAÇÕES VIA STREAMING

O primeiro registro de uma mulher desempenhando a função de narradora de futebol no rádio brasileiro remonta à década de 1970, período em que Zuleide Ranieri e Claudete Troiano exerceram essa atividade em jornadas esportivas exclusivamente femininas da Rádio Mulher, de São Paulo. Embora não se trate de uma prática inédita, a narração de partidas de futebol por mulheres no rádio permanecia como fenômeno raro, havendo ainda escassez de informações a respeito de profissionais que tenham realizado tal atividade em diferentes momentos históricos (Ferro; Zuculoto, 2023).

A primeira narradora de futebol no Brasil foi Zuleide Ranieri, na Rádio Mulher, na década de 1970 (RIBEIRO, 2007). Desse momento até atualmente, não há registro exato de quantas tiveram a mesma oportunidade em transmissões esportivas. Possivelmente, depois de Zuleide e Claudete Troiano, que dividia a função com ela à época, outra mulher só voltou a narrar um jogo da modalidade em emissora de rádio cerca de 40 anos depois: Elaine Felchaka, em 2009, na Rádio 91 Rock, do Paraná (Ferro, 2021, p.1).

Neste sentido, é importante abordar o preconceito e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao tentarem ingressar no âmbito do jornalismo esportivo, de modo geral. Tais obstáculos não se restringem a um contexto específico. Antes, configuram-se como parte de um padrão histórico de desafios enfrentados pelas mulheres na inserção no

campo esportivo e nas mídias dedicadas ao esporte, tanto no Brasil quanto no restante do mundo (Pacheco, 2023).

De lá para cá, outras mulheres também conquistaram seu lugar dentro da editoria, porém, diante de preconceitos e questionamentos em torno da figura feminina nesta área demorou para elas assumirem as vozes das transmissões esportivas, principalmente, quando associadas ao futebol. Mas se analisarmos historicamente a cultura machista não está restrita somente ao âmbito do esporte, mas também reflete no campo jornalístico como um todo, gerando teorias que o classificam como um gênero masculino (Jacobovski, 2022, p.37).

Em 1997, Luciana Mariano tornou-se a primeira mulher a realizar a narração de uma partida de futebol na televisão brasileira. A profissional foi selecionada por meio de um concurso promovido pela Rede Bandeirantes, que buscava incorporar uma voz feminina às transmissões, passando a narrar jogos de futebol feminino do Torneio Primavera. Dois anos mais tarde, assumiu a narração de partidas do Campeonato Pernambucano, em iniciativa compartilhada com Luciano do Valle. Posteriormente, somente cerca de duas décadas depois, retornou à função, ao narrar, pelo canal ESPN, o confronto masculino entre RB Leipzig e Zenit, válido pela Liga Europa. Segundo declarações da própria narradora, em entrevista concedida a Gabriel Perline (Ferro, 2021), o prolongado intervalo em sua trajetória profissional esteve relacionado à escassez de oportunidades no setor.

Impulsionados especialmente a partir de 2010, os movimentos feministas e as iniciativas de valorização da mulher, frequentemente associados à chamada “quarta onda do feminismo”, têm contribuído para a ampliação dos espaços ocupados por mulheres em diferentes áreas da sociedade. Ainda que persistam discrepâncias significativas, como ocorre no mercado de trabalho e em relação a vencimentos salariais, por exemplo, observa-se um avanço também no campo do jornalismo esportivo. Ademais, a expansão das redes sociais e o fortalecimento de marcos legais de proteção, promoção do bem-estar e garantia de direitos das mulheres têm desempenhado papel relevante nesse processo.

Uma personagem que acumula conquistas muito relevantes nos últimos anos é a narradora do Grupo Globo, Renata Silveira. Em 2022, a jornalista carioca entrou para a história ao escrever seu nome na trajetória de transmissões esportivas da maior emissora do país. No mesmo ano, a jornalista registrou seu pioneirismo em três ocasiões

distintas no canal aberto da TV Globo. Primeiramente, narrou a Supercopa Feminina entre Flamengo e Grêmio, tornando-se a primeira mulher a narrar uma partida feminina na emissora. Em seguida, conduziu a narração de Botafogo x Ceilândia, pela Copa do Brasil, configurando a primeira narração feminina de um jogo masculino no canal. Por fim, na Copa do Mundo, narrou o confronto entre Dinamarca e Tunísia, momento em que se tornou a primeira mulher a apresentar uma partida do torneio no veículo.

Dentre elas encontra-se Renata Silveira, que além de fazer parte da equipe do canal por assinatura SporTv, em fevereiro de 2022, a jornalista consagrou-se como a primeira mulher a narrar uma partida de futebol na Globo, quando comandou a transmissão da semifinal da Supercopa Feminina entre Flamengo e Grêmio (PEREIRA, 2022). Já em abril de 2022, foi a vez de ela narrar sua primeira partida de futebol masculino na televisão aberta ao dar voz a transmissão de Ceilândia e Botafogo pela terceira rodada da Copa do Brasil (SCHWARTSMAN, 2022); (Jacobovski, 2022, p.13).

Outro episódio notável ocorreu em 2023 envolvendo a correspondente Natalie Gedra, que, em razão de seu trabalho de destaque na ESPN, cobrindo o campeonato inglês *in loco*, foi contratada pela emissora britânica Sky Sports.

Nos últimos anos, grandes nomes femininos se consolidaram na cobertura esportiva pela televisão. Além de Renata e Natalie, Ana Thaís Matos, Natália Lara, Mariana Spinelli, Mariana Pereira, Mariana Fontes, Isabelly Moraes, Renata Mendonça, Alline Calandrini e Joana de Assis, por exemplo, mostram-se como referências na área.

Um dos grandes nomes da atualidade é o de Ana Thaís Matos, contratada pelo Grupo Globo em 2018. Desde então, passou a ser uma comentarista esportiva com ampla presença na TV aberta, adquirindo expressivo alcance nacional e elevada visibilidade profissional. Em entrevista ao UOL no ano de 2021, ela relatou que a exposição decorrente de sua visibilidade pública a tornou alvo de ataques virtuais misóginos, um exemplo evidente do preconceito relatado no início do subcapítulo. O episódio mais intenso ocorreu após sua crítica ao retorno de Robinho¹⁶ ao Santos, quando teve seu número telefônico vazado. A situação coincidiu com a internação de seu pai e, ao trocar de número devido aos ataques, perdeu contato com o hospital. Em decorrência disso, não recebeu informações sobre o quadro clínico do familiar e soube

¹⁶ O ex-jogador de futebol Robinho foi acusado e condenado por participar de um estupro coletivo na Itália, em 2013.

tardiamente de seu falecimento, evidenciando os impactos concretos da violência digital em sua vida pessoal.

Com o avanço da internet e das plataformas ou mídias digitais, observa-se, além da maior suscetibilidade à recepção de ataques no ambiente digital, pelo lado negativo, a necessidade de ampliar o acesso aos conteúdos e diversificar as formas de transmissão, pelo lado positivo. Esse cenário tem possibilitado o surgimento de novas modalidades de transmissão, nas quais o *streaming* se destaca como alternativa relevante, ao reconfigurar os processos de produção, distribuição e consumo de conteúdos, especialmente no campo esportivo.

Em virtude dessa ampliação, mais profissionais obtêm oportunidades no setor, mesmo com a existência da contenção de despesas em muitas empresas. Nesse sentido, assim como o rádio, o *streaming* exerce um papel significativo ao fornecer chances profissionais àqueles que sonham em trabalhar com transmissões esportivas, nesse caso. Uma demonstração disso relaciona-se à narradora Natália Lara que, antes de ser contratada pelo SporTV, trabalhou em grandes referências do *streaming* como o DAZN¹⁷ e o Grupo *Disney*, que detém o *Disney Plus*.

Muitas das narradoras que agora chegam às transmissões televisivas tiveram experiências iniciais na internet: em webrádios, webtvs e também nas mídias digitais, como nas transmissões do Campeonato Paulista de Futebol Feminino, pela parceria entre a federação estadual e o Facebook, por exemplo. E são, em geral, as mesmas que participaram dos concursos para narradoras realizados pelos canais Esporte Interativo e Fox Sports em 2018 (Ferro, 2021).

A primeira transmissão oficial de futebol por *streaming* no Brasil ocorreu em março de 2017, com a exibição de um clássico entre Athletico e Coritiba, válido pelo campeonato paranaense. A partida não foi transmitida pela televisão, sendo disponibilizada pelos canais oficiais das equipes no YouTube e no Facebook.

Em tempos de multiplicidade da oferta (BRITTOS, 2002) e de portabilidade (KISCHINHEVSKY, 2008), os narradores não transmitem mais apenas pelas ondas hertzianas de amplitude modulada ou frequência modulada. Agora, são várias possibilidades que estão sendo exploradas pelos meios de comunicação. Além das irradiações por *streaming*, emissoras estão retransmitindo as partidas através de páginas identificadas pelo Facebook ou Youtube, sincronizando o som da jornada

¹⁷ DAZN é uma plataforma de streaming paga que oferece acesso à transmissões de eventos esportivos pelo mundo.

com um plano de imagens dos profissionais presentes nas cabines dos estádios ou nos estúdios, quando ocorrem via off-tube (Götz, 2020, p.80).

À medida que os anos se sucedem, novas plataformas que oferecem o serviço de *streaming* começaram a surgir, em consonância com a recente tendência. Alguns canais de televisão passaram a criar ou realizar parcerias em busca de seus próprios sistemas de transmissão online. É o caso dos canais *Disney*, *TNT Sports* e *Globo*, que obtiveram o *Disney Plus*, o *HBO Max* e o *Globoplay*, respectivamente, por exemplo.

Diante da dinamicidade do mundo contemporâneo, em que os indivíduos dispõem de menos tempo, embora permaneçam constantemente conectados, essas novas formas de transmissão de partidas, eventos ou acontecimentos tornam-se cada vez mais relevantes e viáveis. Esse cenário atual contribui para que um número crescente de empresas invista nesse tipo de modelo, que, na maioria das vezes, mostra-se economicamente lucrativo. A grande variedade de plataformas disponíveis atualmente contribui para essa compreensão.

3 NARRAÇÕES NA TV: AS REPRESENTAÇÕES EM CADA ÂMBITO

De acordo com o físico e teórico alemão Albert Einstein, aquilo que se abre a uma nova ideia jamais retorna ao seu estado original. Embora essa reflexão se refira, em seu contexto original, à expansão das mentes e do conhecimento, ela também dialoga com outras esferas, como a trajetória da televisão no Brasil. À medida que esse meio se desenvolve e se consolida, diversificam-se os públicos, os gostos e as formas de produção e consumo, em um movimento contínuo de adaptação às demandas da audiência. Nesse cenário, em paralelo ao avanço tecnológico, emergem novas modalidades de acesso ao conteúdo televisivo: a segmentação da programação e, posteriormente, o streaming, que passam a coexistir com a televisão de canais abertos, ampliando significativamente o leque de possibilidades disponíveis ao espectador.

Esse processo de transformação também se manifesta de maneira expressiva no campo das transmissões esportivas, especialmente no que diz respeito às formas de narração. Historicamente vinculadas a um modelo mais tradicional da televisão aberta, as narrações esportivas passam por um processo de reconfiguração com o surgimento de novas tecnologias. Nesse contexto, podemos observar a ampliação dos estilos narrativos, que deixam de seguir um padrão único e passam a incorporar diferentes linguagens, ritmos e níveis de informalidade, de acordo com o perfil do público, da plataforma e, obviamente, do profissional responsável por narrar o evento. Agora, elas não apenas acompanham as mudanças no consumo midiático, mas também se tornam um elemento estratégico na construção da experiência do espectador, contribuindo para maior engajamento e identificação com o conteúdo.

Este capítulo aborda as diferentes representações em cada meio, bem como as características peculiares de cada profissional selecionado para a análise a ser feita no item seguinte. Por isso, Cléber Machado, Gustavo Villani, André Henning, Luiz Carlos Júnior, Eduardo Monsanto, Raony Pacheco, Natália Lara e Renata Silveira são apresentados, como exemplos diversos desse universo das narrações esportivas.

A escolha desses nomes fundamenta-se no fato de que todos eles são considerados referências na narração futebolística contemporânea brasileira. Ademais, apresentam estilos suficientemente distintos entre si, o que favorece uma análise

comparativa mais consistente, com uma maior possibilidade de formulação de inferências significativas.

3.1 A FORÇA DA TV NO FUTEBOL BRASILEIRO

Na televisão, narra-se o que o telespectador já viu. No rádio, narra-se o que ele precisa ver. A constatação do narrador José Carlos Araújo, popularmente conhecido como Garotinho, em entrevista ao pesquisador Márcio Guerra (2006), sintetiza a distinção fundamental entre os dois meios, particularmente no contexto esportivo. Enquanto na televisão a narração cumpre o papel de complementar o que já é exibido, no rádio ela assume a função de construir, por intermédio das palavras, as imagens que o ouvinte necessita imaginar. Os pesquisadores Helal e Amaro (2012) apontam mais facetas acerca dessa diferença.

Outro aspecto interessante da relação entre emissor-receptor no rádio e na TV é o pacto de confiança estabelecido entre esses dois pólos do processo comunicacional. No rádio, o ouvinte credita mais confiança ao narrador. Por não estar vendo o desenrolar das ações, cabe ao público acreditar nas informações que a ele são transmitidas. Na TV, por outro lado, o espectador pode verificar se aquilo que o narrador descreve corresponde à realidade. Com as televisões em alta definição, esse poder censor do público se torna ainda maior. Muitas vezes nos pegamos corrigindo mentalmente o narrador quando este confunde o nome de algum atleta de nosso clube do coração. Justamente por isso, no meio televisivo, o narrador deve se precaver muito mais para evitar esses erros (Helal; Amaro, 2012, p.2).

Um dos principais diferenciais das transmissões radiofônicas é sua aptidão para despertar e estimular a imaginação, tal como destacado na obra mencionada no item anterior, *Rádio X TV: o jogo da narração* (GUERRA, 2006). Já no subtítulo do texto – “a imaginação entra em campo e seduz o torcedor” –, o autor assinala como essa conexão se apresenta. Essa peculiaridade do veículo pode, ainda hoje, levar algumas pessoas a desenvolverem maior afinidade com as transmissões pelo rádio, como é o caso do autor, por exemplo.

O rádio tem um espaço da criação junto à imaginação dos ouvintes. Essa riqueza de comunicação perde força exatamente quando a sociedade deixa de ser narrativa para ser figurativa e ilustrativa com o surgimento da televisão. Porque a TV passa a transmitir de uma forma direta, sob os mais diversos ângulos, onde o telespectador vê a jogada, literalmente, sob os mais diversos pontos de vista.

Ao eliminar essa narrativa radiofônica, elimina-se o mito para se ter em seu lugar o ídolo, que é a projeção de uma imagem (Guerra, 2006, p.60).

No que tange às narrações televisivas, a imagem ganha protagonismo ao revelar ao espectador o que antes era apenas imaginado, confirmando ou refutando suas expectativas. Diante disso, o papel do locutor é posto em xeque, especialmente no que diz respeito ao seu estilo e à forma de narrar. Instala-se, portanto, um dilema sobre o caminho a ser trilhado: preservar a tradição radiofônica ou adaptar a linguagem e o modo de apresentar o espetáculo às especificidades da televisão. Motta (2012) delineou um possível percurso, capaz de orientar a prática narrativa e, assim, reduzir eventuais interrogações.

Assim, com base em nossa pesquisa, concluímos que, independentemente do estilo individual do locutor, a imagem é o principal elemento da transmissão. Por característica do veículo, o trabalho do narrador deve sempre estar subordinado a ela. Ao mesmo tempo, ele não deve ser apenas um relator do que está acontecendo no campo, mas um companheiro do telespectador. Deve “legendar” a imagem, procurar algo que não está tão explícito e, sempre que possível, contar com sua equipe de repórteres e comentaristas – e, em tempos de interatividade, também o público – para agregar informações e diferentes pontos de vista à transmissão (Motta, 2012, p.45-46).

À luz dessas considerações, percebe-se que rádio e televisão oferecem experiências distintas, cada qual com suas limitações e potencialidades, sem que isso implique na superioridade de um meio sobre o outro. As preferências do público oscilam conforme as formas de apreciação e o nível de envolvimento com o espetáculo, ora privilegiando a força da imagem, ora a expressividade narrativa. Nesse sentido, ambos os meios coexistem e contribuem, de maneiras próprias, para a riqueza histórica e sensível das transmissões esportivas.

Aqui percebemos uma diferença recorrente: o aficionado pela TV sente falta da imagem em suas múltiplas possibilidades, enquanto o amante do rádio quer poder escutar o seu narrador preferido descrever aquilo que ele observa ao vivo. Som e imagem proporcionam emoção a públicos distintos. Ao final, tendemos a supor que não seria o caso de descobrir qual seria o meio responsável pela emoção maior. Seriam, sim, emoções diferentes (Helal, Amaro; 2012, p.8).

No que diz respeito ao alcance e à capacidade de difusão, historicamente, a televisão não tardou a dividir espaço com o rádio. Embora, em seus primeiros anos o acesso à TV fosse restrito a uma pequena parcela da população, com o passar do tempo, houve uma grande expansão da TV de sinal gratuito, assim como a facilitação de acesso

aos aparelhos, permitindo que milhões de brasileiros passassem a ter contato com esse meio de comunicação.

Nos mais de oitenta anos de sua presença em solo brasileiro, a televisão se tornou uma constante no cotidiano das pessoas, podendo ser encontrada nos mais diversos ambientes, como bares, restaurantes, lojas, consultórios médicos e inúmeros outros estabelecimentos públicos e privados. Além de funcionar como fonte de entretenimento, a TV também exerce um papel importante na disseminação de informações, na formação de opiniões e na aproximação entre diferentes realidades sociais e culturais.

Historicamente, emissoras como Globo, Record, SBT e Band assumiram papéis cruciais na disseminação do futebol nacional, consolidando um modelo de exibição que se tornou marca registrada da televisão brasileira a partir da segunda metade do século XX. Ao longo das décadas seguintes, de forma simultânea e individual, essas redes, sobretudo Bandeirantes e Globo, investiram na aquisição dos direitos de transmissão para levar ao público as partidas mais relevantes do país, competindo entre si pela audiência com apostas crescentes em tecnologias cada vez mais sofisticados.

A Bandeirantes possuía direito a jogos exclusivos do Campeonato Brasileiro até 1993. Dessa maneira, a disputa seguia acirrada entre as duas emissoras. A partir de então, as inovações eram cruciais para atração da audiência. A TV Globo instalou câmeras dentro do gol, dando um novo ângulo, inusitado, ao telespectador. Em contra-ataque, a Bandeirantes empregou quatorze câmeras na transmissão da final do Campeonato Paulista de 93 (PATRICIO, 2014, p.19).

Essa dinâmica de mercado não apenas descentralizou, ainda que parcialmente, a exibição das principais competições esportivas, especialmente o futebol, distribuindo os holofotes entre diferentes emissoras, como também contribuiu de maneira decisiva para ampliar o alcance do esporte no país. Ao aproximar o torcedor de seu clube, a televisão fortaleceu o futebol como uma das expressões mais representativas da cultura popular brasileira.

Apesar desse movimento de maior diversificação nas transmissões, a Rede Globo manteve, ao longo dos anos, a posição de destaque no cenário televisivo, assegurando os direitos de transmissão da maior parte dos jogos e campeonatos de maior relevância nacional e internacional. Ainda assim, outras emissoras também conquistaram espaço, ampliando sua participação no mercado e tendo acesso a oportunidades estratégicas. Um exemplo significativo desse processo pode ser observado no início da década de

2010, quando a Rede Globo mostrou novamente sua força e adquiriu o direito de transmitir o Brasileiro.

A partir da assinatura dos Termos de Cessação de Conduta, o Clube dos 13 deu início ao processo de licitação dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro para o contrato iniciado em 2012. A entidade divulgou edital com as regras estipuladas e convidou cinco emissoras para apresentarem suas propostas em envelope lacrado: Globo, Bandeirantes, Record, SBT e RedeTV! (Silvestre, 2023, p.13).

No cenário de expansão das transmissões pela TV e de espetacularização do futebol pela mídia, o narrador esportivo consolidou-se como o principal mediador entre o jogo e o telespectador, mesmo com a presença da imagem. Indo além do mero relato dos fatos, esses profissionais continuaram a ditar o ritmo, a emoção e a interpretação do jogo, moldando a percepção do espetáculo e passando a exercer, simultaneamente, funções semelhantes e distintas daquelas desempenhadas pelos locutores de rádio. Semelhantes porque os narradores radiofônicos já buscavam fazer isso, mas distintas em razão da maneira que executavam, como abordado anteriormente. Assim, à medida que a televisão fortalecia sua influência no cenário esportivo brasileiro, os estilos de locução também se transformavam, acompanhando evoluções tecnológicas, culturais e mercadológicas.

Hoje, quando se fala em transmissão de futebol na TV por canais abertos, uma das principais referências é Cléber Machado, narrador da Record no momento. “Filho do jornalista Clodoaldo José Machado e da dona de casa Maria de Lourdes Pedroso Machado, Cléber Tadeu Machado teve seus primeiros contatos com o rádio, ainda garoto, na companhia de seu pai, então diretor artístico na Bandeirantes” (MEMÓRIA GLOBO, 2021). Ele iniciou a carreira no final dos anos 1970, acumulando passagens pelas rádios Bandeirantes e Tupi, além da TV Gazeta. Chegou à TV Globo em 1988 e narrou diversas Copas do Mundo, Jogos Olímpicos, entre outros eventos esportivos relevantes. Participou de transmissões de desfiles de Carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de ter apresentado o programa Globo Esporte.

Devido à sua evidente importância, estilo único e voz inconfundível, Cléber Machado foi escolhido para ser analisado, no próximo capítulo. A partida entre Cruzeiro e Fluminense, válida pela décima oitava rodada do Campeonato Brasileiro de 2026, foi a selecionada. Este jogo foi o último narrado por Cléber antes da pausa para a Copa do

Mundo de 2026, e se apresentava como o trabalho mais recente na trajetória do locutor, quando iniciados os trabalhos de pesquisa e análise para esta monografia.

No âmbito da televisão gratuita, outro narrador escolhido para análise no capítulo subsequente é Gustavo Villani, atualmente no Grupo Globo. Nascido em 7 de abril de 1981, Guga, como é chamado pelos amigos e pela família, teve contato com o futebol desde pequeno. Quando criança, era levado por seu avô aos jogos do Marília Atlético Clube, time da cidade em que moravam, no interior de São Paulo. No início de sua jornada profissional, atuou como estagiário, repórter e produtor na antiga Rádio Transamérica, atual Rádio TMC, além de ter passado por Record, Rádio Globo e pelo Jornal “A Gazeta Esportiva”. Em 2007, decidiu que queria ser narrador, adquirindo em seu currículo passagens por ESPN Brasil e Fox Sports.

Ao longo dos anos, teve a oportunidade de narrar competições do mais alto prestígio, como Copas do Mundo, Olimpíadas e jogos de torneios nacionais. Além disso, substituiu Tiago Leifert na locução do jogo de *videogame* FIFA, nas edições de 2021 a 2026.

Graças ao seu estilo irreverente, à relevância conquistada no cenário esportivo e aos seus bordões marcantes, Gustavo Villani foi selecionado como um dos profissionais a serem estudados. A transmissão escolhida para a análise foi a estreia da Copa do Mundo deste ano, entre México e África do Sul, cuja importância e atualidade são evidentes.

3.2 A SEGMENTAÇÃO A PARTIR DA TELEVISÃO POR ASSINATURA NO PAÍS

A partir da década de 1990, o crescimento da televisão por assinatura no Brasil promoveu uma nova dinâmica no consumo esportivo do país. Diferentemente da TV aberta, que concentrava transmissões mais limitadas e voltadas ao grande público, alguns canais passaram a oferecer uma cobertura contínua, especializada e direcionada aos aficionados por esportes. Nesse contexto, o futebol brasileiro iniciou um processo de segmentação televisiva impulsionado pelo surgimento de canais pagos como o SporTV (antigo Top Sport), a ESPN Brasil e o Premiere. Tal movimento ampliou

significativamente o volume de transmissões e análises, reconfigurando a forma como o torcedor assinante consumia o futebol na televisão.

A segmentação, apesar de se tornar mais explícita e debatida com a chegada da televisão por assinatura ao Brasil, já se fazia presente há algum tempo. Conforme aponta Cunha (1999), esse fenômeno reflete um processo de especialização progressiva das emissoras, uma prática que tem suas raízes históricas atreladas ao rádio. Diante da clara impossibilidade de abraçar todos os públicos e interesses com a mesma eficácia, as estações passaram a direcionar seus conteúdos a nichos específicos — um movimento que ganhou força total com a expansão das rádios FM. Essa estratégia se provou certa: além de responder com precisão às demandas do mercado publicitário, impulsionou um novo ciclo de crescimento para o meio radiofônico.

Até hoje, essa busca pelo público-alvo permanece como uma das principais marcas do setor e, como bem sintetiza Cunha (1999, p. 13), configura-se como uma autêntica “tendência de futuro na mídia”. Inspirada por esse sucesso, a televisão também assimilou a lógica dos canais temáticos, posicionando-se de forma estratégica para competir com o universo digital, onde a interatividade e a personalização de conteúdos ditam as regras do jogo (Motta, 2012).

Outro aspecto relevante a ser mencionado ao se discutir a televisão segmentada no Brasil relaciona-se ao elevado custo necessário para acessar esse tipo de serviço, não apenas em seus primeiros anos, mas ainda hoje. Patricio (2014) descreve esse cenário ao longo das últimas décadas.

O alto custo da mensalidade e o baixo alcance sempre fizeram com que a TV paga fosse considerada um privilégio. Em 1994 existiam, apenas, 400 mil domicílios assinantes. Esse número passou a crescer e em 2001 eram registrados 3,5 milhões. Um aumento de 750% em seis anos. Atualmente, o crescimento por ano atinge 12,24% e esse serviço é usado por cerca de 56,3 milhões de brasileiros. São atendidos 5.565 municípios e a disponibilidade gira em torno de 220 canais (Patricio, 2014, p.22).

Entretanto, a expansão da televisão por assinatura não pode ser compreendida apenas a partir do aumento do número de assinantes. Tal crescimento esteve diretamente relacionado às estratégias adotadas pelas empresas do setor, especialmente à oferta de conteúdos exclusivos e à segmentação da programação,

fatores que contribuíram para atrair públicos específicos e consolidar esse modelo de consumo televisivo.

Esse crescimento, em menos de vinte anos, impressiona, mas isso se dá, principalmente pelo marketing e pelos canais de programações exclusivas. A maior parte desses canais pagos tem a grade dedicada a um assunto específico, como esporte, filmes, séries, desenho, culinária, arte, educação, noticiário. Dessa forma, a publicidade específica fica mais fácil atingindo o público certo (Patricio, 2014, p.22).

Em relação à narração esportiva na televisão por assinatura, notam-se mudanças significativas quando comparada à praticada na TV aberta. Além das diferenças entre os públicos-alvo de cada meio, há uma alteração na própria dinâmica da transmissão, marcada por uma linguagem mais analítica, maior integração entre narrador e comentaristas e pelo uso intenso de recursos visuais e informativos. Nesse caso, a narração deixa de centralizar o papel de mediação entre o evento e o telespectador, passando a compartilhar essa função com os demais elementos da transmissão.

Identificamos na programação esportiva de canais da TV a cabo, a tendência apontada por Santaella (1996): a ênfase no próprio meio e nas suas possibilidades de linguagem, engendrando mensagens intersemióticas complexas, mas que privilegiam o imagético. Por outro lado, a interpretação destas mensagens, por parte do telespectador, é também mais complexa, por exigirem simultaneamente diversos sentidos perceptivos (Betti, 1999, p.17).

A seguir, apresentamos uma tabela que busca elucidar, de maneira mais detalhada, as principais diferenças entre os estilos narrativos adotados pela TV aberta e pela TV fechada.

Aspectos	TV de sinal aberto	TV por assinatura
Público-alvo	Massivo e heterogêneo	Segmentado e especializado
Linguagem	Mais popular	Mais técnica

Explicações	Mais frequentes	Menos frequentes
Ritmo	Mais acelerado	Mais analítico
Comentários táticos	Menos aprofundados	Mais aprofundados
Interação com comentarista(s)	Menor; esporádico	Maior; recorrente

Tabela 1: Diferenças de estilo: TV de sinal aberto x TV por assinatura
Elaborada pelo autor

A expansão da televisão por assinatura no Brasil, entre o final da década de 1990 e os anos 2000, esteve diretamente ligada à crescente valorização dos direitos de transmissão esportiva. O SporTV, pertencente ao Grupo Globo, consolidou-se como o principal detentor de competições nacionais ao se beneficiar de acordos integrados que vinculavam a TV aberta, a TV paga e o *pay-per-view* (SETTE, 2010). Paralelamente, a ESPN expandia sua presença no mercado brasileiro por meio da aquisição de ligas internacionais, destacando-se na cobertura de campeonatos europeus e de esportes norte-americanos. Essa concentração de direitos fortaleceu o poder de negociação de poucos grupos de comunicação, transformando o esporte em um dos ativos mais valiosos do mercado audiovisual do país (MATTOS, 2012).

Ainda segundo Mattos (2012), os contratos de exclusividade firmados entre a Globo e o Clube dos 13 — associação que representava os principais times do futebol brasileiro e negociava seus direitos comerciais em bloco — abrangiam múltiplas plataformas de mídia, restringindo severamente a concorrência de operadoras como a ESPN e de outras redes de televisão. A relevância econômica desse modelo refletia-se diretamente nas finanças dos clubes, pois a comercialização das transmissões passou a representar cerca de 40% de suas receitas totais.

Fernandes (2022) amplia essa perspectiva, salientando a posterior fragmentação e distribuição dos torneios entre a TV aberta, os canais fechados e as novas plataformas digitais, que redefiniram a organização empresarial do esporte, consolidando as emissoras especializadas como agentes centrais na mediação do consumo esportivo nacional.

Em relação aos narradores reconhecidos como referências na televisão por assinatura, destaca-se a notoriedade de André Henning, da TNT Sports. Filho do jornalista Hermano Henning, ele decidiu, ainda criança, que seria jornalista. A influência de seu pai e dos jogos de botão fizeram com que ele criasse afinidade com a narração esportiva. Em entrevista ao Jornal da Metrópole no Ar, André resumiu sua trajetória na profissão.

Fui para São Paulo com o intuito de terminar a faculdade. Aí comecei na Band FM, fiquei cinco anos, depois na Transamérica por mais cinco. Fui para a televisão, comecei no Esporte Interativo, que virou TNT Esportes, e estou lá até hoje. Vou fazer 20 anos de TV (Jornal da Metrópole no Ar, 2025).

Ao longo da carreira, André Henning foi se tornando cada vez mais conhecido e se firmando como a principal voz das transmissões da UEFA Champions League, no Brasil. Hoje, a imagem do narrador está estritamente vinculada à maior competição de clubes europeus. Daí, sua relevância para o cenário de transmissões de futebol no país. A narração dele da final da Champions League de 2026, entre PSG e Arsenal, foi a selecionada para integrar a pesquisa. Foi a partida mais importante da temporada, tanto para o narrador, quanto para o torneio.

Complementando o elenco de locutores destacados em razão de sua importância na transmissão esportiva, Luiz Carlos Júnior, do Grupo Globo, também terá sua atuação analisada neste estudo. Nascido no Rio de Janeiro em 6 de novembro de 1966, ele começou sua carreira no rádio, acumulando trabalhos em emissoras como a 105 FM, a Transamérica e a Rádio Cidade. Em 1991, com o surgimento do canal Top Sport, atual SporTV, a necessidade de reunir profissionais qualificados para o novo projeto possibilitou a contratação de Luiz. Inicialmente, participava da apresentação de programas da grade. Com o passar do tempo, passou a narrar partidas de diversos esportes e se consolidou como figura marcante na área. Também adicionou ao seu

currículo transmissões de relevância, como jogos de Copa do Mundo, disputas históricas nas Olimpíadas e partidas do futebol nacional.

Vivendo um de seus momentos profissionais mais prósperos, Luiz Carlos Júnior se tornou o narrador da seleção brasileira no SporTV durante a Copa do Mundo de 2026. Sua locução do confronto entre Brasil e Haiti, válido pela segunda rodada da maior competição de futebol do mundo, foi a escolhida para ser estudada. A seleção deste profissional para integrar o *corpus* de análise deste trabalho se deve, sobretudo, aos laços de identidade e representatividade criados com os amantes do esporte.

3.3 A RECONFIGURAÇÃO DAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS PELO *STREAMING*

Se a chegada da TV por assinatura já mostrava mudanças na forma de transmitir o futebol, o surgimento do *streaming* transformou ainda mais esse cenário. Os avanços tecnológicos, a expansão da internet e a popularização das redes sociais mudaram o consumo do esporte, permitindo que o público acompanhasse as partidas de maneira mais rápida, prática e acessível. Ficou mais fácil assistir aos jogos em qualquer horário e lugar, redefinindo a relação entre os torcedores e a modalidade.

A consolidação do *streaming* no esporte também é reflexo da mudança nos hábitos de consumo da audiência. Impulsionados pela internet de alta velocidade e pela popularidade de *smartphones*, *tablets* e *smart TVs*, os espectadores passaram a exigir flexibilidade. Com isso, o modelo tradicional de transmissão, preso a grades horárias fixas e ao aparelho de TV, perdeu força diante das novas expectativas e rotinas do público. O *streaming* ocupou esse espaço ao oferecer conveniência, personalização e acessibilidade, alinhando-se às exigências tecnológicas e comportamentais mais recentes.

A expansão de tal modelo de transmissão no esporte integra a chamada convergência midiática, em que novas tecnologias se unem aos meios tradicionais. Longe de romper em definitivo com a televisão, as plataformas digitais ampliam o acesso ao conteúdo, oferecendo opções que se moldam às preferências e à rotina de cada público. É o que enfatizam Sperb, Valiati e Montardo (2023) na obra *Campeonato das*

plataformas no Brasil: uma análise das transmissões de futebol na HBO Max, Amazon Prime Video e Star Plus.

Assim como os fãs de futebol não deixam de contemplar o evento nos estádios ou via rádio por conta de serem televisionados, a presença do futebol no streaming pode ser um complemento para o usuário acompanhar a transmissão. Sentar-se em frente à TV para aguardar a transmissão na televisão aberta, direcionar para o canal esportivo ou, até mesmo, contratar os serviços de *pay per view* no pacote da TV a cabo parecem ganhar um novo modo de atender o espectador esportivo nas plataformas de streaming (Sperb; Valiati; Montardo, 2023, p.170-171).

Nas transmissões esportivas por *streaming*, observa-se uma nova transformação na forma de narrar o futebol quando comparada ao modelo tradicional da televisão por assinatura. Embora ambos os meios sejam voltados a um público que já possui maior familiaridade com o esporte, as plataformas digitais incorporaram características próprias da cultura da internet, resultando em transmissões mais descontraídas, dinâmicas e próximas do espectador. Nesse ambiente, o narrador frequentemente assume uma postura menos formal, utilizando referências populares, linguagem coloquial e interações que buscam ampliar o engajamento da audiência.

Além disso, o *streaming* possibilitou a maior flexibilização dos formatos narrativos, permitindo que cada transmissão desenvolva uma identidade própria. Enquanto a televisão por assinatura mantém uma estrutura mais padronizada e orientada pelos moldes tradicionais do jornalismo esportivo, as plataformas digitais tendem a privilegiar a espontaneidade, a participação do público em tempo real e a valorização da personalidade dos profissionais envolvidos.

Dessa forma, a experiência de acompanhar uma partida deixa de estar centrada exclusivamente no jogo e passa a incorporar elementos de entretenimento, interação e comunidade, características que se consolidaram como diferenciais importantes no ambiente digital. O quadro a seguir detalha as principais divergências entre os modelos narrativos adotados pelos dois meios em questão.

Aspectos	TV por assinatura	<i>Streaming</i>
Linguagem	Mais formal e técnica	Mais descontraída e coloquial
Estrutura da transmissão	Mais padronizada	Mais flexível e experimental
Perfil das equipes de transmissão	Predominância de profissionais tradicionais	Presença de novos comunicadores, influenciadores ou criadores de conteúdo
Interação com o público	Limitada ou indireta	Maior participação em tempo real por meio de <i>chats</i> e redes sociais
Foco da cobertura	Ênfase na análise esportiva	Combinação entre análise, entretenimento e engajamento
Uso de bordões e referências culturais	Mais moderado	Mais frequente e voltado à cultura digital

Tabela 2: Diferenças de estilo: TV por assinatura x *streaming*
Elaborada pelo autor

Um dos principais fenômenos resultantes do crescimento das transmissões esportivas por *streaming* no Brasil, a partir da década de 2020, é a Cazé TV. Criada em 2022 por Casimiro Miguel, a emissora digital alcançou grande projeção já em seu primeiro ano de atuação ao adquirir os direitos de transmissão da Copa do Mundo do Catar. Depois desse marco, o canal ampliou de forma significativa sua presença no mercado esportivo, incorporando ao seu portfólio eventos de grande relevância internacional, como a Copa do Mundo Feminina de 2023, os Jogos Olímpicos de Paris em 2024 e diversas outras competições de destaque. Macedo (2023) registrou esse início avassalador e a parceria entre Casimiro e LiveMode, empresa que administra o veículo.

Duas semanas após sua criação, a Cazé TV anunciou um acordo com a FIFA para a transmissão da Copa do Mundo FIFA Qatar 2022, considerado histórico tendo em vista a tradição do torneio em ser abrigado, através de contrato de exclusividade, na TV Globo. À época, a emissora passava por um processo judicial com a entidade que rege o futebol para reduzir o valor das parcelas de seu acordo de TV. Assim, a LiveMode se interessou pelo negócio e firmou uma parceria com a FIFA (Macedo, 2023, p.27).

Esse processo de expansão em pouco tempo consolidou, cada vez mais, a Cazé TV como a principal plataforma de transmissão esportiva do país. Atualmente, o canal vive um dos momentos mais marcantes de sua trajetória ao garantir os direitos de transmissão de todos os 104 jogos da Copa do Mundo de 2026. O resultado mostra a crescente força do *streaming* no cenário esportivo brasileiro, especialmente ao se considerar que a Rede Globo, tradicional detentora dos direitos de transmissão de grandes eventos esportivos, obteve a prerrogativa de transmitir apenas 55 partidas do torneio, um pouco mais da metade do total de jogos da Copa do Mundo.

Os direitos de transmissão do futebol no Brasil estão cada vez mais distribuídos entre diferentes plataformas de streaming. Apesar do destaque da Cazé TV, que tem transmitido eventos de maior alcance, é possível notar uma grande distribuição desses direitos entre algumas empresas. Dentre os principais exemplos, observam-se torneios importantes como a Libertadores e a Copa Sul-Americana, compartilhados entre Disney+ e Paramount+, a UEFA Champions League, pertencente à Max, e o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil, transmitidos pela Globoplay e pelo Prime Video. Essa divisão evidencia um novo modelo de consumo esportivo, marcado pela maior

fragmentação dos direitos de transmissão e pela necessidade de o torcedor recorrer à múltiplas plataformas para acompanhar competições nacionais e internacionais.

No que diz respeito aos locutores que se tornaram referências nesse estilo de transmissão, destacam-se aqueles que conseguiram se adaptar à contemporaneidade, como é o caso de Eduardo Monsanto. Natural de Petrópolis e apaixonado pelo Serrano Futebol Clube, equipe do município, Eduardo ouvia rádio desde pequeno ao lado de seu irmão. Com o incentivo da família, ele decidiu ir cursar jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e acumulou passagens por importantes veículos da cidade, como a Rádio Solar e a antiga TV Panorama, atual TV Integração, afiliada da Globo. Ao longo de sua carreira, Dudu Monsanto trabalhou na ESPN Brasil, no DAZN, no Canal Goat, na XSports e, atualmente, narra jogos do Campeonato Alemão no aplicativo One Football. Além disso, cobriu também três Copas do Mundo e três Olimpíadas.

Por ser um profissional versátil, ex-aluno da Faculdade de Comunicação, na qual esta monografia se desenvolve, além de ser exemplo de dedicação e sucesso, Eduardo Monsanto integra o time de narradores a serem analisados no próximo capítulo desta pesquisa. A transmissão de PSG e Al Nassr, confronto de pré-temporada entre as duas equipes no ano de 2023, foi a selecionada para este trabalho. Fatores como a escassez de transmissões atuais disponíveis do narrador, a presença de grandes jogadores naquela partida e a curiosidade em observar o comportamento do locutor em um confronto sem gols foram cruciais para tal escolha.

A mesma linha de raciocínio foi seguida para a escolha de Raony Pacheco, narrador que vem se destacando nos últimos anos na Cazé TV. Raony começou sua trajetória como narrador em 2013, participando de transmissões do Clube Atlético Juventus na Rádio Web Mooca, no interior de São Paulo. Posteriormente, em 2019, foi contratado pela Record para a cobertura dos Jogos Pan-Americanos de Lima e, desde 2022, integra o elenco de narradores da Cazé TV. Com a conquista dos direitos de transmissão de diversas competições relevantes nos últimos anos por parte do canal, ele narra partidas e disputas do mais alto nível de competitividade.

Raony Pacheco tem uma voz bastante característica e um estilo de narração enérgico e envolvente. Tais características, somadas ao fato de ele ser considerado um

dos locutores mais relevantes do cenário brasileiro atual, fazem com que seu nome também se torne presente entre as transmissões analisadas. O jogo Noruega e Senegal, narrado por ele e válido pela segunda rodada da fase de grupos da Copa do Mundo de 2026, foi o escolhido para compor o trabalho. O peso do torneio e a ascensão das seleções envolvidas nos últimos anos foram importantes na hora de optar por este duelo.

3.4 ELAS DÃO AS CARTAS E A VOZ: A ATUAÇÃO FEMININA NA NARRAÇÃO ESPORTIVA

É inegável que, não apenas a narração esportiva, mas o jornalismo esportivo como um todo, foi historicamente marcado pela predominância masculina. Segundo Mattos e Zuculoto (2017), esse cenário já se fazia presente no rádio, onde as funções de maior destaque, como narrador e comentarista, puderam ser ocupadas por mulheres somente a partir da década de 1970, cerca de trinta anos após o início dessas atividades no Brasil. Para as autoras, esse avanço esteve diretamente relacionado a determinadas transformações sociais do século XX, uma vez que foi “nas décadas de 60 e 70 [do século passado], com os movimentos feministas na luta pela emancipação da mulher, [que] elas se fortaleceram e conquistaram cada vez mais espaços, até mesmo em ambientes considerados masculinos, ainda que de forma lenta” (Mattos; Zuculoto, 2017, p. 5).

Ainda hoje, no rádio, na televisão e no *streaming*, a presença feminina, embora tenha avançado significativamente, segue marcada por desafios e pela constante necessidade de afirmação profissional. Um exemplo recente é o de Renata Silveira, locutora no Grupo Globo e uma das principais referências da área no Brasil. Em entrevista ao podcast *Splash Vê TV*, do UOL, a narradora afirmou que, por ser mulher, sente a necessidade de estudar mais para evitar erros e críticas. Tal situação se evidencia, por exemplo, em episódios como o ocorrido após a partida entre Botafogo e Remo, válida pelo Campeonato Brasileiro de 2026, no dia 2 de maio, quando Renata recebeu xingamentos e comentários ofensivos nas redes sociais por uma narração que, na verdade, havia sido realizada por outra profissional, Natália Lara.

Casos como esse demonstram que os desafios enfrentados pelas narradoras esportivas vão além da competência técnica ou da qualificação profissional. Mesmo diante de avanços significativos e de uma presença cada vez maior nos meios de comunicação, muitas mulheres ainda precisam lidar com julgamentos que não recaem da mesma forma sobre seus colegas homens.

Mesmo mais presente, a narração esportiva feita por mulheres ainda é socialmente percebida com estranhamento. O esporte, como área considerada reduto masculino, mesmo no Jornalismo, é espaço em que, muitas vezes, a presença feminina é vista com incômodo e alvo de preconceito (Ferro, 2021, p.2).

Se os episódios de preconceito ainda representam um desafio para as mulheres no jornalismo esportivo, serve de alento o fato de que elas conquistaram espaço significativo na área ao longo dos últimos anos. Tal progresso está relacionado, entre outros fatores, ao aumento do número de emissoras e plataformas de transmissão, bem como ao aproveitamento pelas empresas das profissionais mulheres, o que vem ampliando sua presença e consolidando sua relevância nas coberturas esportivas. Jacobovski (2018) destacou outros aspectos que contribuíram para essas mudanças, com destaque para o papel exercido pelas mídias sociais.

Ainda que o machismo esteja presente no discurso dos torcedores são percebidas as transformações e avanços em relação a aceitação da voz feminina no jornalismo esportivo, o que está relacionado não só ao movimento feminista que garante maior representatividade para as mulheres, mas também as redes sociais digitais que oferecem um ambiente propício para o exercício de pressão na sociedade a fim de mudanças efetivas (Jacobovski, 2018, p.18).

No âmbito da narração esportiva, a presença feminina vai muito além da conquista de novas oportunidades de trabalho. Ela sinaliza uma quebra de paradigmas em um território tradicionalmente dominado por homens, tanto como público consumidor quanto no que diz respeito ao mercado de trabalho. Ao assumirem o comando do microfone em transmissões de grande alcance, essas profissionais não apenas diversificam as vozes do meio esportivo, mas também se tornam referências fundamentais, abrindo caminhos e inspirando novas gerações de mulheres que desejam ingressar na área.

Quanto às narradoras que se tornaram referências, destaca-se, inicialmente, a atuação de Renata Silveira. Nascida no Rio de Janeiro, formou-se em Educação Física e realizou pós-graduação em Jornalismo Esportivo. Em 2014, venceu o concurso da

Rádio Globo “Garota da Voz” e narrou partidas da Copa do Mundo do mesmo ano na emissora. Anos depois, foi contratada pela Fox Sports e narrou importantes jogos da Copa de 2018 no canal, por exemplo. Chegou à Rede Globo em 2020, quebrando recordes e fazendo história transmissão após transmissão.

Aos 36 anos, Renata acumula uma sequência de feitos inéditos no jornalismo esportivo brasileiro. Em 2022, por exemplo, ela se tornou a primeira mulher a narrar uma partida de Copa do Mundo na TV aberta do Brasil. Naquele Mundial, participou de nove transmissões na televisão e de outras quatro nas plataformas digitais do Grupo Globo. Desde que chegou à emissora, em 2020, a narradora também abriu espaço para outras profissionais. Primeiro, tornou-se a primeira mulher a narrar partidas de futebol no SporTV. Em seguida, integrou a cobertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio e passou a ser a primeira mulher a narrar um jogo da Seleção Brasileira masculina no canal esportivo (TERRA, 2026).

Em virtude de seu pioneirismo, talento e representatividade, Renata será uma das profissionais estudadas neste trabalho. Sua narração selecionada para análise foi a do confronto entre Bélgica e Egito, válido pela primeira rodada da fase de grupos da Copa do Mundo de 2026. A escolha por este duelo resulta do fato de ele ter sido o primeiro narrado por uma mulher *in loco* na história da maior emissora do país em Copas.

Seguindo com os destaques femininos na narração de futebol no Brasil, percebe-se a relevância de Natália Lara. “Formada em Rádio e TV, a paulista de 24 anos seguiu o conselho de seu professor para ser narradora. Fez curso de locução e de narração esportiva para encarar o desafio” (LANCE, 2018). Após concluir a faculdade, Natália participou do programa “Narra Quem Sabe”, da extinta Fox Sports. Posteriormente, passou a receber oportunidades em outros canais importantes.

Natália Lara começou sua trajetória profissional na Rádio Gazeta. Com passagens pela TV Cultura, DAZN e Canais Disney, tem no currículo transmissões da Libertadores Feminina, da Superliga de Vôlei, Campeonato Italiano, entre outros. Na ESPN, Natália se tornou a primeira mulher a narrar jogos da NBA, principal liga de basquete dos Estados Unidos, no Brasil (GE, 2022).

Além disso, foi convidada a integrar o time de narradores do SporTV, onde atua desde 2021, e do jogo eletrônico FIFA, na edição de 2023. Hoje, ao lado de Renata Silveira, configura-se como uma das principais vozes femininas do esporte no país. Frequentemente, narra vôlei e outras modalidades nos canais por assinatura do Grupo Globo.

Natália Lara, portanto, evidencia-se como nome destacado para compor a pesquisa. A transmissão escolhida da locutora se deu durante a segunda rodada da fase de grupos da Copa do Mundo de 2026, no embate entre Nova Zelândia e Egito. Por ter sido bastante movimentada e com alternâncias de domínio, a referida partida revela-se representativa para este trabalho.

4 A ESCOLHA DA JOGADA: DO PLANEJAMENTO À ANÁLISE

Neste capítulo, apresenta-se o percurso metodológico adotado para a realização desta pesquisa, detalhando os procedimentos que orientaram desde a coleta até a análise dos dados, bem como as inferências obtidas. A opção pela análise de conteúdo justifica-se por sua capacidade de organizar e sistematizar as informações de forma criteriosa, permitindo uma investigação aprofundada do material selecionado. Mais do que orientar as etapas do trabalho, o método viabiliza a identificação de padrões, aproximações e particularidades que fundamentam a interpretação dos resultados.

Embora existam semelhanças entre narradores e transmissões, cada objeto de análise apresenta características próprias, influenciadas pelo contexto, pelo estilo narrativo e pela proposta da emissora. A análise buscará, portanto, evidenciar tanto os elementos comuns quanto as singularidades de cada transmissão, contribuindo para uma compreensão ampla dos aspectos que compõem a narração esportiva.

4.1 FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo se constitui como um conjunto de técnicas metodológicas voltadas à investigação de materiais discursivos, sejam eles textos, entrevistas, documentos ou mídias diversas. O procedimento visa ir além da leitura superficial, decodificando o produto para apreender padrões, estruturas e sentidos subjacentes que não se revelam de imediato. Trata-se, fundamentalmente, de um procedimento sistemático que confere rigor científico aos dados brutos, transformando-os em indicadores organizados e dotados de significado teórico. Tal método é dividido em fases, possibilitando uma organização de informações mais eficiente.

A estruturação da Análise de Conteúdo tem início na pré-análise, etapa que constitui o alicerce estratégico de toda a pesquisa. Longe de representar um simples procedimento formal, esse momento inicial exige do pesquisador uma organização rigorosa, capaz de transformar um conjunto de textos ou depoimentos brutos em um plano de trabalho claro e consistente. Nessa fase ocorre a leitura flutuante, que corresponde ao primeiro contato amplo e exploratório com o material, seguida da seleção criteriosa dos documentos que comporão o corpus da pesquisa e da definição das

hipóteses e dos objetivos que orientarão a análise. A construção cuidadosa dessa base é essencial para assegurar que as etapas subsequentes sejam conduzidas de forma consistente e fundamentada (SOUSA; SANTOS, 2020).

Com essa estrutura estabelecida, o pesquisador avança para a exploração do material, etapa em que as decisões tomadas anteriormente são efetivamente colocadas em prática. Trata-se da fase mais operacional e descritiva do método, na qual o conjunto de dados passa a adquirir uma organização que possibilita sua compreensão. Nesse processo, os textos são desmembrados e classificados de maneira sistemática por meio de procedimentos de codificação e categorização. Ao reunir elementos com características comuns e identificar as unidades de registro mais significativas, os dados brutos são transformados em informações organizadas, aptas a evidenciar os sentidos presentes no conteúdo analisado (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2004).

Por fim, à luz das considerações dos dois artigos referenciados acima, chega-se à etapa de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, momento em que os achados adquirem relevância científica e maior profundidade analítica. Mais do que apresentar frequências ou indicadores quantitativos, essa fase busca atribuir significado aos dados obtidos. Para isso, o pesquisador utiliza procedimentos analíticos que relacionam o conteúdo manifesto, isto é, aquilo que está explicitamente expresso, ao contexto e aos fatores subjacentes que deram origem às mensagens. A partir da formulação de inferências consistentes e da confrontação dos resultados com os objetivos estabelecidos para a pesquisa, consolida-se uma interpretação crítica, fundamentada e metodologicamente consistente da realidade investigada.

A aplicação prática dessas etapas visa, essencialmente, atender aos dois propósitos centrais apontados por Bardin (1977): a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura. O primeiro objetivo atua diretamente na validação científica, pois confere objetividade às observações iniciais do pesquisador, permitindo que percepções preliminares alcancem e dialoguem com conclusões fundamentadas. Já o segundo objetivo direciona o olhar para além da superfície textual, promovendo um aprofundamento capaz de revelar estruturas ocultas e mecanismos latentes na mensagem que, sem o devido rigor analítico, permaneceriam incompreendidos.

É um método de pesquisa qualitativa, focado na interpretação e compreensão do sentido. Busca compreender o real significado das mensagens, explorando tanto o conteúdo explícito quanto o implícito.

4.2 COLOCANDO A BOLA EM JOGO: A APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO NAS NARRAÇÕES

A aplicação da Análise de Conteúdo às narrações esportivas exigiu a definição de categorias capazes de contemplar diferentes dimensões do desempenho narrativo. Cada categoria reúne aspectos específicos que, quando observados em conjunto, permitem compreender tanto as características da atuação do narrador quanto a forma como sua narrativa é construída.

A categoria **Perfil** refere-se às funções desempenhadas pelo narrador durante a transmissão, buscando identificar a predominância de determinadas características em sua atuação. Ela engloba o caráter analítico (interpretação de lances), informativo (dados e contextualizações), comunicativo (diálogo), opinativo (avaliações e julgamentos) e descritivo (relato objetivo dos acontecimentos), permitindo compreender quais funções são priorizadas ao longo do jogo.

A categoria **Linguagem** corresponde aos recursos linguísticos utilizados na construção da narração. Nela, observam-se elementos como o emprego de bordões, o uso do humor e o nível de formalidade adotado. Esses aspectos contribuem para a construção da identidade do narrador e influenciam diretamente a percepção do público, tornando a transmissão mais descontraída, técnica ou institucional.

A categoria **Interação** contempla a forma como o narrador se relaciona com os demais agentes envolvidos na transmissão. São analisadas as trocas com comentaristas, repórteres e, quando presente, com o público por meio de chats ou outras plataformas digitais, permitindo avaliar o grau de participação coletiva e o papel do narrador na condução dessas dinâmicas.

A categoria **Estrutura** diz respeito à organização da participação do narrador ao longo da transmissão. São observados os diferentes momentos do evento, como o pré-

jogo, o intervalo e o pós-jogo, verificando quais conteúdos são abordados em cada etapa e como o narrador adapta sua atuação conforme o contexto da partida.

A classificação **Emoção** busca identificar a intensidade emocional presente na narração, especialmente em momentos de maior impacto, como gols e lances decisivos. Também são observados os níveis de dramaticidade empregados pelo narrador, permitindo compreender de que maneira ele potencializa a experiência do espectador durante a transmissão.

A categoria **Estilo Narrativo** refere-se à maneira como o narrador executa sua narração, ou seja, à sua forma de expressão. Enquanto a categoria perfil analisa o conteúdo das funções desempenhadas, o estilo observa aspectos como o ritmo da locução, a carga emocional e o nível de criatividade na escolha de palavras, metáforas e construções discursivas, servindo para identificar a identidade narrativa do profissional.

O quadro a seguir esquematiza as características de cada uma dessas categorias para fim de análise do conteúdo a ser estudado. Na sequência, uma a uma, as transmissões escolhidas serão submetidas a estes critérios analíticos.

Categoria	Aspectos observados
Perfil	analítico, informativo, comunicativo, opinativo, descritivo
Linguagem	bordões, humor, formalidade
Interação	comentaristas, repórteres, meio digital/chat
Estrutura	pré-jogo, intervalo, pós-jogo
Emoção	gols, clímax, dramaticidade
Estilo Narrativo	ritmo, expressividade, criatividade

Tabela 3: Categorias de análise
Elaborada pelo autor

Transmissão 1

Narrador: Cléber Machado

Comentaristas: Dodô, Maurício Noriega e Sálvio Spínola

Repórteres: Jean Brandão e Pedro Ramiro

Jogo: Cruzeiro 1 x 1 Fluminense / 18ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2026

Data: 31/05/2026

Estádio: Governador Magalhães Pinto (Mineirão)

Emissora: Record

Categoria	Aspectos observados
Perfil	pouco comunicativo, análises, descrições e opiniões moderadas, bastante informação
Linguagem	mais formal, humor pontual, poucos bordões
Interação	dois comentaristas e dois repórteres, mais de 55 participações ao longo do jogo
Estrutura	breve pré-jogo, não participa do intervalo, breve pós-jogo
Emoção	gols e clímax mais contidos, baixa dramaticidade
Estilo narrativo	ritmo cadenciado, expressividade e criatividade moderadas

Tabela 4: Cléber Machado
Elaborada pelo autor

Transmissão 2

Narrador: Gustavo Villani

Comentarista: Róger Flores

Repórter: Marcelo Courrege

Jogo: México 2 x 0 África do Sul / 1ª rodada da Copa do Mundo de 2026 / Grupo A

Data: 11/06/2026

Estádio: Azteca

Emissora: Globo

Categoria	Aspectos observados
Perfil	opiniões moderadas, bastante analítico, informativo, comunicativo, descritivo
Linguagem	bordões expressivos, humor moderado, formalidade equilibrada
Interação	um comentarista e um repórter, que somaram quase 80 entradas na transmissão
Estrutura	maior pré-jogo, comanda o intervalo, maior pós-jogo
Emoção	gols e clímax intensos, alta carga emocional
Estilo narrativo	ritmo intenso, alta criatividade, estilo radiofônico

Tabela 5: Gustavo Villani
Elaborada pelo autor

Transmissão 3

Narrador: André Henning

Comentaristas: Marcelo Bechler e Vitor Sérgio Rodrigues

Repórteres: Arthur Quesada, Clara Albuquerque e Tatiana Mantovani

Jogo: PSG 1 (4) x (3) 1 Arsenal / Final da Champions League 2025/2026

Data: 30/05/2026

Estádio: Puskás Arena

Emissora: TNT Sports

Categoria	Aspectos observados
Perfil	bastante comunicativo e opinativo, análises e descrições moderadas, pouco informativo
Linguagem	humor, bordões e informalidade em alta escala
Interação	dois comentaristas e três repórteres, com mais de 100 participações durante a partida, bastante interação com chat/meio digital
Estrutura	maior pré-jogo, não comanda mas participa do intervalo, maior pós-jogo
Emoção	gols e clímax bastante intensos, alta carga emocional
Estilo narrativo	ritmo intenso, elevada criatividade e descontração, estilo radiofônico

Tabela 6: André Henning
Elaborada pelo autor

Transmissão 4

Narrador: Luiz Carlos Júnior

Comentaristas: Eric Faria e Ricardo Rodrigues (Ricardinho)

Repórter: Felipe Brisola

Jogo: Brasil 3 x 0 Haiti / 2ª rodada da Copa do Mundo de 2026 / Grupo C

Data: 19/06/2026

Estádio: Lincoln Financial Field

Emissora: SporTV

Categoria	Aspectos observados
Perfil	mais analítico, informativo e comunicativo, análises equilibradas, menos descrição
Linguagem	mais formal, humor pontual, bordões expressivos
Interação	dois comentaristas e um repórter, que somaram quase 90 entradas no jogo
Estrutura	bastante tempo de pré-jogo, comanda o intervalo, maior pós-jogo
Emoção	gols e clímax equilibrados, dramaticidade moderada
Estilo narrativo	ritmo e expressividade equilibrada, criatividade moderada

Tabela 7: Luiz Carlos Júnior
Elaborada pelo autor

Transmissão 5

Narrador: Eduardo Monsanto

Comentaristas: Antonio Tabet e Leandro Boudakian

Repórteres: Não houve

Jogo: PSG 0 x 0 Al Nassr / Amistoso de pré-temporada em 2023

Data: 25/07/2023

Estádio: Yanmar Field Nagai

Emissora: Canal Goat

Categoria	Aspectos observados
Perfil	mais analítico, informativo, comunicativo e opinativo, descrições equilibradas
Linguagem	bastante humor, pouquíssimos bordões, maior informalidade
Interação	dois comentaristas, que, juntos, participaram mais de 60 vezes durante a partida, nenhum repórter e muita interação com o chat, meio digital
Estrutura	maior pré-jogo, comanda o intervalo, pouco pós-jogo
Emoção	gols e clímax mais contidos, dramaticidade moderada
Estilo narrativo	ritmo cadenciado, criatividade e expressividade de forma moderada

Tabela 8: Eduardo Monsanto
Elaborada pelo autor

Transmissão 6

Narrador: Raony Pacheco

Comentaristas: Amanda Viana, Lucas Pedrosa e Rodrigo Caio

Repórter: Victoria Leite

Jogo: Panamá 0 x 2 Inglaterra / 3ª rodada da Copa do Mundo de 2026 / Grupo L

Data: 27/06/2026

Estádio: MetLife Stadium

Emissora: Cazé TV

Categoria	Aspectos observados
Perfil	mais informativo e descritivo, comunicação e análises equilibradas, pouca opinião
Linguagem	mais informal, humor equilibrado, poucos bordões
Interação	três comentaristas e uma repórter, com cerca de 75 entradas somadas, interação equilibrada com o chat
Estrutura	grande pré-jogo, apresenta o intervalo, não teve pós-jogo
Emoção	gols e clímax em alta intensidade, bastante dramaticidade
Estilo narrativo	ritmo e expressividade intensos, elevada criatividade, estilo radiofônico

Tabela 9: Raony Pacheco
Elaborada pelo autor

Transmissão 7

Narradora: Renata Silveira

Comentarista: Caio Ribeiro

Repórter: Gabriela Ribeiro

Jogo: Bélgica 1 x 1 Egito / 1ª rodada da Copa do Mundo de 2026 / Grupo G

Data: 15/06/2026

Estádio: Lumen Field

Emissora: Globo

Categoria	Aspectos observados
Perfil	bastante informativa e didática, comunicação e descrição equilibradas, análise e opinião com moderação
Linguagem	formalidade em equilíbrio, pouquíssimos bordões e humor pontual
Interação	um comentarista e uma repórter, que somaram quase 55 participações
Estrutura	breve pré-jogo, conduz o intervalo, breve pós-jogo
Emoção	aumenta consideravelmente o tom em gols e momentos de clímax, dramaticidade equilibrada
Estilo narrativo	ritmo e criatividade equilibrados, alta expressividade

Tabela 10: Renata Silveira
Elaborada pelo autor

Transmissão 8

Narradora: Natália Lara

Comentaristas: Felipe Bastos, Sérgio Xavier

Repórteres: Não houve

Jogo: Nova Zelândia 1 x 3 Egito / 2ª rodada da Copa do Mundo de 2026 / Grupo G

Data: 21/06/2026

Estádio: BC Place

Emissora: SporTV

Categoria	Aspectos observados
Perfil	análises, opiniões, descrições e informações equilibradas, comunicação moderada
Linguagem	formalidade moderada, pouquíssimos bordões, humor equilibrado
Interação	dois comentaristas, que entraram cerca de 60 vezes ao longo do jogo, juntos
Estrutura	pré-jogo regular, comanda o intervalo, não participa do pós-jogo
Emoção	gols e clímax mais contidos, dramaticidade moderada
Estilo narrativo	ritmo intenso, criatividade equilibrada, alta expressividade

Tabela 11: Natália Lara
Elaborada pelo autor

4.3 INFERÊNCIAS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

A análise das oito transmissões permitiu identificar padrões recorrentes e particularidades que evidenciam a diversidade na narração esportiva contemporânea. Embora cada profissional carregue consigo características próprias, os resultados demonstram que a atuação do narrador não depende exclusivamente de seu estilo individual, sendo diretamente influenciada também pela proposta da emissora, pelo contexto da competição e pelo modelo de transmissão adotado.

No que se refere ao perfil dos narradores, observou-se que as transmissões da televisão aberta priorizam características informativas e descritivas, com análises e opiniões equilibradas, visando atender a um público amplo e heterogêneo por meio de mensagens claras. Em contrapartida, as emissoras por assinatura e as plataformas

digitais demonstram maior liberdade para construir narrativas opinativas, comunicativas e descontraídas, conferindo ao locutor maior liberdade na condução da exibição do evento.

A linguagem empregada também revelou diferenças significativas entre os modelos. Canais como Globo, Record e SporTV mantiveram níveis mais elevados de formalidade, utilizando o humor, por exemplo, de forma pontual. Já as plataformas digitais, como TNT Sports, Canal Goat e Cazé TV, adotaram uma comunicação informal, marcada por brincadeiras e referências culturais que aproximam o narrador do público e reforçam a busca por espontaneidade e interatividade.

Outro aspecto relevante diz respeito à interação. Verificou-se que os meios digitais ampliam as possibilidades de participação coletiva, incorporando o chat e a comunicação em tempo real como elementos da própria transmissão. Enquanto às emissoras tradicionais concentram o diálogo entre narrador, comentaristas e repórteres, plataformas como Canal Goat e Cazé TV estimulam uma troca constante com a audiência, transformando o espectador em participante ativo da experiência.

Quanto à estrutura das transmissões, constatou-se que o trabalho do narrador ultrapassa os noventa minutos de jogo. Em diversas emissoras, especialmente Globo, SporTV e TNT Sports, o profissional assume funções de destaque no pré-jogo, intervalo e pós-jogo, conduzindo análises, entrevistas e debates. Assim, a narração contemporânea evidencia uma ampliação das responsabilidades do locutor, que deixa de ser apenas o relator dos acontecimentos para atuar como mediador e apresentador. Há uma variação clara entre rádio e televisão neste quesito.

A categoria emoção também apresentou diferenças expressivas. Enquanto profissionais como Cléber Machado optam por uma condução mais equilibrada e contida, nomes como André Henning e Raony Pacheco empregam maior intensidade emocional, ritmo acelerado e expressividade vocal nos momentos de clímax. Esses resultados indicam que a carga emocional não está vinculada apenas à importância do jogo, mas principalmente à identidade construída pelo profissional e às características da emissora.

No que se refere ao estilo narrativo, observou-se a permanência de elementos tradicionalmente associados ao rádio. Narradores como Gustavo Villani, André Henning e Raony Pacheco apresentam ritmo intenso, criatividade lexical e forte expressividade,

aproximando sua performance das características históricas da locução radiofônica. Ao mesmo tempo, outros profissionais adotam uma condução mais cadenciada e analítica, mostrando que diferentes estilos e influências coexistem no meio televisivo.

A comparação entre as narradoras Renata Silveira e Natália Lara também revelou distinções importantes na cobertura da Copa do Mundo de 2026. Analisando partidas envolvendo a seleção do Egito, verificou-se que Renata Silveira deu maior ênfase ao caráter didático e informativo, enquanto Natália Lara distribuiu de forma mais equilibrada os aspectos analíticos e opinativos. Tal constatação reforça que as diferenças observadas decorrem da identidade profissional de cada uma e da proposta do veículo, e não do gênero das profissionais. Uma ilustração clara desses contrastes pode ser observada na forma como as narradoras se referem aos jogadores. Enquanto Renata Silveira contextualiza a trajetória de Mohamed Salah, destacando o clube em que atua e sua relevância para o futebol egípcio, Natália Lara opta por uma abordagem mais objetiva, limitando-se a uma apresentação mais direta do atleta durante a transmissão no SporTV.

De maneira geral, os resultados evidenciam que a narração esportiva contemporânea se tornou uma atividade multifuncional. Além de descrever os lances, o narrador precisa contextualizar informações, estimular debates, interagir com a equipe e com a audiência, organizar os tempos da transmissão e contribuir para o espetáculo. Essa multiplicidade de funções reflete a evolução da profissão diante das transformações tecnológicas e das novas formas de consumo audiovisual.

Observa-se, portanto, que o estilo narrativo não é determinado exclusivamente pelo locutor, mas resulta da combinação de alguns fatores. Aspectos como linguagem, intensidade emocional, interação e estrutura sofrem influência direta do veículo, e até mesmo do contexto de disputa, permitindo traçar distinções claras entre a TV de sinal aberto, a TV por assinatura e as plataformas digitais. Essas constatações dialogam com o objetivo da pesquisa ao demonstrar que a narração esportiva atual apresenta múltiplas formas de construção, adaptando-se às novas expectativas de um público, cada vez mais, quantitativamente plural e qualitativamente diverso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu compreender, de maneira ampla e aprofundada, como a narração esportiva se consolidou como elemento estruturante do espetáculo futebolístico no Brasil. Ao revisitar sua trajetória histórica — do rádio à televisão, da TV por assinatura ao streaming — tornou-se evidente que cada meio não apenas transformou a forma de narrar, mas também redefiniu a relação entre narrador, público e jogo. A análise das transmissões contemporâneas mostrou que, embora a tecnologia avance e os formatos se diversifiquem, a voz do narrador permanece como o fio condutor da emoção, da interpretação e da construção de sentido no futebol.

A partir da aplicação da Análise de Conteúdo, foi possível observar padrões, contrastes e singularidades que caracterizam o trabalho dos narradores estudados. As categorias de perfil, linguagem, interação, estrutura, emoção e estilo narrativo revelaram que a narração esportiva atual é multifacetada, moldada tanto pela identidade de cada profissional quanto pelas exigências e características de cada plataforma. As falas dos narradores entrevistados, conforme reproduzidas nos Apêndices ao final desta monografia, reforçaram essa percepção: Cléber Machado destacou a informalidade crescente e a aproximação com o público; Gustavo Villani ressaltou o impacto das redes sociais como termômetro imediato; André Henning enfatizou a permanência da emoção como eixo central da narração; Eduardo Monsanto apontou como o feedback instantâneo pode influenciar o trabalho; e Raony Pacheco evidenciou a importância da interação digital para aproximar narrador e audiência. Esses depoimentos não apenas enriqueceram a pesquisa, como também confirmaram que a narração esportiva é uma prática em constante evolução, sensível às transformações tecnológicas, sociais e culturais.

Além de cumprir seu objetivo acadêmico, este trabalho também representa uma síntese significativa da minha trajetória na graduação em Jornalismo. Além de ter sido bolsista na Rádio Facom e participado da cobertura de diversos eventos esportivos, o interesse pelo tema surgiu muito antes da pesquisa: desde a infância, acompanhando transmissões esportivas, observando estilos, bordões, ritmos e emoções que moldaram minha relação com o futebol. Essa experiência era, então, reproduzida por mim ao narrar

e comentar os jogos de videogame FIFA, que foram meu lazer favorito durante essa fase inicial da vida. Ao longo da faculdade, esse interesse se transformou em curiosidade científica, desejo de compreender tecnicamente aquilo que sempre me encantou como espectador. A realização deste estudo consolidou esse percurso, permitindo unir paixão, método e rigor acadêmico em um trabalho que dialoga diretamente com minha caminhada, formação e aspirações profissionais.

A pesquisa também ampliou minha compreensão sobre o papel do narrador como mediador cultural, responsável por traduzir o jogo em narrativa, emoção e memória. Ao analisar diferentes estilos e plataformas, pude perceber como a narração esportiva exige preparo, estudo, sensibilidade, domínio técnico e capacidade de adaptação, elementos que reforçam a complexidade e a beleza dessa função. As entrevistas, em especial, foram fundamentais para compreender a dimensão humana da profissão: a paixão de Monsanto desde os oito anos, a autoconfiança de Henning, a surpresa de Renata Silveira ao descobrir a narração como caminho possível, a humildade de Raony diante do reconhecimento recente, e a naturalidade com que Cléber Machado descreve uma carreira construída passo a passo. Esses relatos reforçaram minha admiração pela área e fortaleceram meu desejo de seguir estudando e atuando no universo esportivo.

Profissionalmente, este trabalho representa um marco. Ele não apenas ampliou meu repertório teórico e metodológico, como também me aproximou de uma área na qual desejo atuar, seja como jornalista esportivo, seja como pesquisador dedicado às relações entre mídia, esporte e sociedade. A narração esportiva, ao mesmo tempo técnica e emocional, objetiva e subjetiva, tradicional e contemporânea, revela-se um campo fértil para investigações futuras, especialmente diante das transformações trazidas pelo *streaming*, pela interatividade e pela presença crescente de mulheres na função. Pretendo seguir explorando esses caminhos, contribuindo para o debate acadêmico e para a valorização de uma prática que, mais do que descrever lances, constrói histórias, memórias e identidades.

Por fim, esta monografia reafirma que a narração esportiva permanece essencial para o espetáculo do futebol. Seja no rádio, na televisão ou no *streaming*, a voz do narrador continua sendo o elo entre o jogo e o público, capaz de transformar um lance em emoção, um gol em memória e uma partida em narrativa. Em um cenário de

constantes mudanças tecnológicas, a narração não perde sua força. Ela se reinventa. E é justamente nessa reinvenção que reside a beleza do ofício e o potencial de pesquisa que pretendo continuar explorando ao longo da minha vida profissional.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ HENNING relembra início da carreira com Mário Kertész e revela que criou estilo “gritado” de narrar. **Jornal da Metrópole**, [S. l .], 2025. Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/radio-metropole/171302,andre-henning-relembra-inicio-da-carreira-com-mario-kertesz-e-revela-que-criou-estilo-gritado-de-narrar>. Acesso em: 20 jun. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 1977.

BEDENDO, Ricardo. Da incerteza pela escassez à dúvida pelo excesso: “arquiteturas” da imprensa esportiva entre o football do “thelegrapho” e o footbyte do var. In: COSTA, Edvaldo (Org.), **Comunicação e conexões digitais**: estratégias e impactos na era da informação. Ponta Grossa (PR): Atena, 2025, 126-141. Disponível em: <file:///C:/Users/tenev/Downloads/comunicacao-e-conexoes-digitais-estrategias-e-impactos-na-era-da-informacao.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2026.

BETTI, Mauro. Esporte, televisão e espetáculo: o caso da TV a cabo. In: **Conexões**, Campinas (SP), n. 3, 20 p., dez. 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8647500>. Acesso: 18 mai. 2026.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Pelas barbas do profeta**: Silvio Luiz e a busca da identidade da narração futebolística para a tv. 2005. 113 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, UFJF, Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/facom/wp-content/uploads/sites/433/2013/04/FBrinati.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2026.

CLÉBER MACHADO. **Memória Globo**, [S. l .], 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/google/amp/perfil/cleber-machado/noticia/cleber-machado.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2026.

CUNHA, Márgda Rodrigues da. O receptor idealizado pelo discurso radiofônico: uma análise do emissor em “Gaúcha Hoje” e “Flávio Alcaraz Gomes Repórter”. In: DEL BIANCO, Nélia; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Rádio no Brasil**: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: UERJ; Brasília: UnB, 1999. p. 143–163. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4839716/magda-rodrigues-da-cunha>. Acesso em: 18 mai. 2026,

FARIAS, Julia Neves de. **As mudanças na narração esportiva com o advento da televisão no Brasil**. 2013. 37 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro, 2013.

FERNANDES, Iago Vernek. Futebol e mídia: os direitos de transmissão no território brasileiro. In: **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas (SP), n. 2, v. 12, p. 305-

319, dez. 2022. Disponível em: file:///C:/Users/tenev/Downloads/305-319_FERNANDES,+Iago.+Futebol+e+m%C3%ADdia-1.pdf. Acesso: 18 mai. 2026.

FERRAZ, Vinicius Soares Silva. **Transmissões esportivas e a representação dos clubes mineiros**: uma análise comparativa da Rádio Itatiaia e outros veículos. 2025. 19 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, UFJF, Juiz de Fora, 2025.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. Narradoras em Transmissões Esportivas no Brasil: mapeamento histórico da presença feminina na narração em veículos de rádio, televisão e internet. In: INTERCOM, 44., 2021, [S.I.]. **Anais [...]**. [S.L.]: Intercom, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-hj/raphaela-xavier-de-oliveira-ferro.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2026.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ZUCULOTO, Valci. Narração de futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2020. **Radiofonias**: Revista de Estudos em Mídia Sonora, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 105-133, 9 ago. 2023. Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UFOP. <http://dx.doi.org/10.63234/radiofonias.v14i1.6832>. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/6832>. Acesso em: 11 jan. 2026.

FERRO, Raphaela; ZUCULOTO, Valci; EMERIM, Cárilda. Estreia feminina na narração de futebol na TV Globo: repercussões a partir do twitter. **E-Compós**: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, [S.L.], v. 27, p. 1-20, jul. 2024. E-compos. <http://dx.doi.org/10.30962/ecompos.2747>. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2747/2169>. Acesso em: 11 jan. 2026.

FIFA 23: NATÁLIA LARA vai fazer parte da transmissão em português. **GE**, [S. I.], 12 set. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/google/amp/esports/fifa/noticia/2022/09/12/fifa-23-natalia-lara-vai-fazer-parte-da-transmissao-em-portugues.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2026.

GOMES, Rodrigo Rocha. **Narração esportiva na televisão**: precisão, emoção e informação. 2015. 100 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, UFJF, Juiz de Fora, 2015.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. A NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO DO BRASIL: uma proposta de periodização histórica. **Âncora**: Revista Latino-americana de Jornalismo, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 66-86, 7 jul. 2020. Portal de Periódicos UFPB. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.2359-375x.2020v7n1.53822>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343784007_A_NARRACAO_ESPORTIVA_NO_RADIO_DO_BRASIL_uma_proposta_de_periodizacao_historica. Acesso em: 12 jan. 2026.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Você, ouvinte, é a nossa meta**: a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Juiz de Fora: Etc., 2000. 75 p.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: O jogo da narração**: a imaginação entra em campo e seduz o torcedor. 2006. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. Das ondas do rádio à tela da TV: notas sobre a evolução da narração esportiva. In: INTERCOM, 35., 2012, Fortaleza. **Resumo [...]**. [S.L.]: Intercom, 2012. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/r7-0690-1.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2026.

JACOBOWSKI, Bruna dos Passos. **A voz das mulheres**: uma análise da percepção dos torcedores de futebol no twitter em relação a narração feminina na globo. 2022. 85 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/253742>. Acesso em: 11 jan. 2026.

MACEDO, Marcus Vinícius Muniz. **Tudo novo de novo**: uma análise de conteúdo das transmissões esportivas via *streaming* da Cazé TV. 2023. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, UFJF, Juiz de Fora, 2023.

MATHEUS, Leticia Cantarela; MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; MOSTARO, Milene Gomes Ferreira. Mídia, esporte e cobertura esportiva: o rádio e a televisão nas Copas do Mundo de 1938 e de 1970. In: **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 129-146., jan.-jun. 2025. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/399167582_Midia_esporte_e_cobertura_esportiva_o_radio_e_a_televisao_nas_Copas_do_Mundo_de_1938_e_de_1970. Acesso em: 18 mai. 2026.

MATTOS, César. Broadcasting football rights in Brazil: the case of Globo and “Club of 13” in the antitrust perspective. In: **Estudos Econômicos**, São Paulo, n. 42 (2), p. 337-362, abr.- jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-41612012000200005>. Acesso em: 18 mai. 2026.

MATTOS, Ediane Teles de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro. In: INTERCOM, 40., 2017, Curitiba (PR), [S.I.]. **Anais [...]**. [S.L.]: Intercom, 2017. p. 1-13. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2554-1.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2026.

MOTTA, Bruno Gouveia. **Narração de futebol no Brasil em rádio e TV**. 2012. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3560/1/BMotta.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2026.

NARRADORA DA GLOBO, Renata Silveira conquista feito histórico na Copa do Mundo. **Terra**, [S. I.], 2026. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2026/narradora-da-globo-renata-silveira-conquista-feito-historico-na-copa-do-mundo,842e0ada30b46cdadaaa3e1c382950dd8d1vq3cu.html>. Acesso em: 20 jun. 2026.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 66-85, 28 fev. 2003. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i56p66-85>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/33808>. Acesso em: 12 jan. 2026.

PACHECO, Leonardo Turchi. Mulheres e narração de futebol: desafios de um ofício. In: **Fúlia**, Belo Horizonte, n. 2, v. 8, p. 61-81, 6 ago. 2023. UFMG, Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/45288>. Acesso em: 11 jan. 2026.

PANAMÁ 0 x 2 Inglaterra: Copa do Mundo de 2026: partida completa. **Canal CazéTV**, [S. I.], 2026. 1 vídeo (158 min). Publicado pelo canal CazéTV. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/FDCM9HggRIM>. Acesso em: 25 jun. 2026.

PARIS Saint-Germain 0 x 0 Al-Nassr: amistoso internacional: julho de 2023: partida completa. **Canal GOAT**, [S. I.], 2023. 1 vídeo (145 min). Publicado pelo canal GOAT. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ZdleX8lXHcw>. Acesso em: 25 jun. 2026.

PATRÍCIO, Elisa Ferreira de Carvalho. **Na emoção do futebol**: uma análise das transmissões no rádio e na TV. 2014. 107 f. TCC (Graduação) – Curso de Comunicação Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4388>. Acesso em: 18 mai. 2026.

PEREIRA, Marcela Medeiros Ayres. **A narração das transmissões esportivas no rádio**: os clássicos do futebol mineiro na Rádio Itatiaia. 2022. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, UFOP, Mariana, 2022. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/6405/3/MONOGRAFIA_Narra%c3%a7%c3%a3oTransmiss%c3%b5esEsportivas.pdf. Acesso em: 12 jan. 2026.

QUEM É NATÁLIA LARA, narradora que substituiu Renata Silveira na Globo nas Olimpíadas. **Lance!**, [S. I.], 2018. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/quem-e-natalia-lara-narradora-que-substituiu-renata-silveira-na-globo-nas-olimpiadas.html>. Acesso em: 20 jun. 2026.

RIBEIRO, Franklin Nathaniel Nascimento. **Um olhar sobre a emoção**: as transmissões de futebol no rádio e na TV. 2019. 21 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, CES/JF, Juiz de Fora, 2019.

SANTOS, Geórgia Pelissaro dos. **A mudança nas rotinas de produção do radiojornalismo a partir do uso do twitter**: o caso da rádio gaúcha. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4550#preview-link0>. Acesso em: 11 jan. 2026.

SCHETINI, Vivian. **Rádio e televisão**: levando emoção ao torcedor de futebol. 2006. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, UFJF, Juiz de Fora, 2006.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos**: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Panda Books, 2004. 280 p.

SETTE, Guilherme Michelon. **Canal SporTV**: uma análise sobre o processo de gestão da produção dos programas esportivos na digitalização da televisão por assinatura. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Televisão Digital: Informação e Conhecimento. UNESP, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/4a042c51-ffd8-42aa-8c36-4abacfe4dadc>. Acesso em: 18 mai. 2026.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; Simão, Ana Adalgisa. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. In: **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras (MG), vol. 7, n. 1, pp. 70-81, 2005, Universidade Federal de Lavras. Disponível em: <https://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/%0Bview/210>. Acesso em: 10 jun. 2026.

SILVESTRE, Bruno Cesar Gomes. **Direitos de transmissão do campeonato brasileiro**: panorama histórico e perspectivas. 2023. 53f. TCC (Graduação) – Curso de Jornalismo, UFRJ, Rio de Janeiro, 2023.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>. Acesso: 10 jun. 2026.

SPERB, Felipe; VALIATI, Vanessa; MONTARDO, Sandra. Campeonato das plataformas no Brasil: uma análise das transmissões de futebol na HBO Max, Amazon Prime Vídeo e Star+. In: **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 12, n. 21, p. 169-190, jan.-jun. 2023. PUC-MG/UFMG. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/29509>. Acesso em: 18 mai. 2026.

APÊNDICES

Os apêndices a seguir reúnem as respostas dos narradores entrevistados pelo autor da monografia, durante o trabalho de pesquisa. As perguntas enviadas pelo aplicativo WhatsApp a cada um deles individualmente foram as seguintes:

- 1- Quando foi que você decidiu que queria ser narrador? O que te motivou a isso?
- 2- Você acha que as redes sociais e a interação instantânea com o público mudaram a forma de narrar futebol? Se sim, de que maneira?
- 3- Como você se sente sabendo que é referência pra muita gente? Você imaginava que poderia chegar tão longe na profissão?

APÊNDICE A - Cléber Machado

- 1- “Não decidi. Aconteceu. Sempre achei legal a narração esportiva. Na TV Gazeta surgiram as primeiras oportunidades. Depois, na TV Globo, comecei a narrar resumo de eventos para o Esporte Espetacular. Veio a primeira transmissão de jogo. E algumas mudanças de pessoas na época me abriram espaço. E fui narrando.”
- 2- “Não diria que mudou a narração. Mas acelerou a reação do público. Por consequência, aproximou mais a narração da audiência. A questão do estilo de cada um vai andando com o tempo, com as gerações. O que de fato aconteceu foi uma informalidade maior. De novo, cada um com seu estilo. Penso que essa descontração começou antes até de rede social. Começou com Silvio Luiz nos anos 80.”
- 3- “Não sei se sou referência. Sou satisfeito com a carreira. Com tudo. É bem legal ter boas respostas de várias gerações do público. Mais velhos do que eu dizendo que acompanham há tempo. Mais novos dizendo que começaram acompanhar esporte

vendo e ouvindo a gente. E a garotada que começa a se interessar por futebol demonstrando carinho. É bem bacana.”

APÊNDICE B - Gustavo Villani

1- “Isso foi por volta de 2007. Eu já tinha tido a sugestão de alguns narradores com quem trabalhei, como o Éder Luiz e o Oscar Ulisses, que me perguntavam: ‘Por que você não tenta narrar?’. Essa semente ficou na minha cabeça. Quando fui fazer uma pós-graduação na Espanha, maturei essa ideia. Falei: ‘Poxa, talvez eu já fiz de tudo, talvez esteja na hora de dar um passo à frente’. Eu já tinha sete ou oito anos de carreira, já tinha feito bastante coisa em rádio e televisão quando decidi ser narrador. O que me motivou foi um novo desafio. Eu sempre fui muito apaixonado por transmissão esportiva desde pequeno, no colo do meu avô, indo ao estádio. Essa atenção que eu dava aos narradores foi se fortalecendo em mim. Na adolescência, eu narrava partidas dos meus amigos, imitava narradores. Foi algo que foi crescendo em mim por paixão mesmo.”

2- “Eu não acho que as redes sociais mudaram a narração esportiva. Eu acho que acrescentaram. O retorno passou a ser muito mais imediato. A gente passou a ter um termômetro do público muito mais real e rápido. Antigamente, era algo mais restrito a poucas pessoas, mais ou menos imposto de cima para baixo. As redes sociais horizontalizaram a conversa. A gente começou a caminhar lado a lado com o público, e não impor o jeito de fazer. O público foi tendo voz e participando cada vez mais das transmissões.”

3- “Eu fico muito feliz porque também tenho minhas referências. O Osmar Santos e o Luciano do Valle eram referências para mim. Eu acho que isso faz parte do jogo da vida. Uns vão e outros vêm. A vida é cíclica. Então, eu fico muito contente. É uma realização profissional saber que eu posso inspirar outros garotos que estão surgindo, porque daqui a pouco sou eu que paro e outros vão surgir. É a lei da vida. Isso me realiza. Fico contente.”

APÊNDICE C - André Henning

1- “Eu decidi que queria ser narrador quando tinha cinco, seis anos de idade, narrando futebol de botão em casa, vendo o jogo e querendo ser aquilo também. Depois, na profissão, acabei começando como repórter e surgiu a transição. Foi quando eu realmente defini que iria tentar a narração: na Olimpíada de 2004, quando tive a chance de narrar o vôlei masculino do Brasil, que foi campeão olímpico. Ali, o meu chefe na ocasião, o Éder Luiz, me chamou e fez o convite: ‘Se transforma em narrador, eu te ajudo!’. Então, foram dois momentos: o primeiro da vontade, desde muito garoto, e o segundo quando realmente virei narrador, na Olimpíada de 2004.”

2- “Eu acho que não. A forma de narrar continua sendo bem parecida com o que era. Você tem estilos diferentes: uma gritaria a mais, um tom a mais, um tom a menos, mais conversado, menos conversado. Mas continua sendo algo feito para descrever o que está acontecendo, puxando pelo lado da emoção, da carga emocional. Na narração, especificamente, não vejo muita mudança, não.”

3- “Eu sempre fui um cara confiante, autoconfiante. Quando entro em alguma coisa, quero ser o melhor possível. Mas não imaginava que fosse rodar o mundo narrando futebol, que fosse ser inspiração para tanta gente. Não imaginava. Mas queria ser. Queria. E lutei por isso. E acho que está dando certo.”

APÊNDICE D - Eduardo Monsanto

1- “Eu cresci numa casa em que meu pai trabalhava em rádio e a gente ouvia rádio AM até para dormir. Eu e meu irmão dividíamos quarto e ouvíamos muito a Rádio Globo da época, José Carlos Araújo, Washington Rodrigues, e dormíamos ouvindo o Panorama Esportivo. Eu sempre gostei. Completava os álbuns de figurinha e depois desmontava para narrar os jogos das figurinhas no chão. Quando eu tinha 8 anos, meu pai me levou para uma transmissão de Flamengo e São Paulo, pela Copa União de 1987. Fui com a equipe da rádio para o Maracanã, acompanhei tudo de perto, vi o pessoal trabalhando e fiquei fascinado. Nesse dia, meu pai me apresentou o Silvio Luiz, que brincou comigo

dizendo: 'Tá ferrado, moleque!'. Também conheci o Ademir de Menezes. Foi um negócio tão fascinante que eu decidi naquele dia o que queria para a minha vida. Eu queria ser narrador e, com 8 anos, comecei essa luta para um dia chegar lá."

2- "Cara, mudou sim. As redes sociais transformaram completamente a maneira de narrar futebol. O locutor passou a ter um feedback em tempo real do que está fazendo, se está bom ou se não está. Você começa a conviver com críticas, elogios, trolls e todo tipo de comentário. Só o fato de isso existir já é uma interferência direta no trabalho. Antigamente, a preocupação era agradar o público, mas agora a aprovação ou reprovação chega quase instantaneamente. Para quem tem a cabeça fraca, isso pode até prejudicar o trabalho e a saúde mental. É importante estar aberto a uma crítica boa, mas sem levar tudo a ferro e fogo. Mudou, sim, porque isso acaba influenciando e direcionando o que você está fazendo durante a transmissão."

3- "Eu não me considero referência. Às vezes aparece um menino dizendo que fez Comunicação por minha causa ou que se espelha no meu trabalho, e isso me surpreende porque nunca tive a intenção de ser influência para ninguém. Eu não me considero um talento natural. Sou produto de repetição. Fiz muito para chegar a um nível profissional, com muita tentativa e erro, tentativa e acerto. As coisas deram certo muito por causa da minha teimosia, da minha perseverança e porque tive uma casa em que fui muito apoiado. Meu pai e minha mãe sempre me incentivaram. Ano que vem faço 30 anos como locutor esportivo. É uma profissão que eu amo, respeito e levo muito a sério. Eu considero a locução esportiva igual literatura: existem várias maneiras de contar uma história e não existe melhor ou pior, existe aquela que te toca mais. Para mim, a locução esportiva é isso: registrar a história dando a carga emocional que cada evento traz, tornando a experiência do ouvinte e do espectador mais completa."

APÊNDICE E - Raony Pacheco

1- "Eu sempre fiz brincadeiras de narrar. Narrei muito futebol de botão, videogame, brincava com os colegas e fazia as narrações. No futebol dos amigos também fazia essas

brincadeiras. Eu sempre escutei muito rádio. Toda vez que eu escutava as narrações, ficava repetindo, imitando narradores como Oscar Ulisses, José Silvério e outros das rádios de São Paulo. Também peguei uma fase muito importante do Galvão Bueno, assisti praticamente todas as Copas com ele no auge da carreira, e aquilo sempre me deixou encantado, admirado com o poder que eles tinham de trazer a comunicação para a coisa.”

2- “Eu acho que sim. Antigamente a gente só escutava os jogos pelo rádio e assistia pela TV, sem ter acesso para mandar uma mensagem ou uma informação. Hoje, com o streaming, você vê o chat o tempo todo, vê as mensagens. Isso começou também com o Twitter, com os engajamentos via hashtag, e foi modificando a relação com o público. De certa forma, isso se tornou um termômetro para a TV, para o canal, para o narrador e para o comentarista. É claro que não dá para aproveitar todos os comentários, mas tem análises muito boas. Eu acho que isso deixou a gente mais próximo do público, e o público também se sentiu mais próximo de quem faz as transmissões. É um termômetro positivo para que a gente consiga ter acesso a mais pessoas e para que elas se sintam parte do produto.”

3- “Eu acho que é tudo muito novo para mim. Ainda me assusto com essa questão de ser referência. Às vezes me assusto com as pessoas que param para conversar comigo e falam que são fãs do meu trabalho. Isso tem acontecido com mais frequência e eu me sinto muito grato. Eu espero estar trazendo mais emoção para as pessoas e que, naquele tempo em que elas assistem ao jogo comigo, se sintam bem e felizes. Para quem está estudando, começando e se espelha no meu trabalho, eu agradeço muito. É muito gratificante saber que você criou um laço com alguém, que alguém guarda na memória o que você faz e se sente parte do seu dia. Sobre chegar tão longe, eu nem sabia que isso poderia acontecer. Você torce para ter oportunidades. Eu tive grandes oportunidades, já narrei grandes jogos e continuo narrando. Mas sempre lembro daquele menino que começou e que hoje vê no trabalho uma chance de colocar em prática tudo o que estudou. Não sei onde vou chegar ainda, mas já sou muito grato por tudo o que eu fiz.”

APÊNDICE F - Renata Silveira

Em razão de o formato da entrevista com a Renata Silveira ter sido diferente, em uma reunião via Google Meet com outros pesquisadores, as respostas da narradora serão expostas de maneira distinta. Ela comentou acerca das diversas questões relacionadas à sua vida e carreira.

1- Sobre a trajetória até a narração esportiva

“Sempre gostei muito de esporte e de futebol, mas nunca imaginei fazer o que faço hoje. Nunca me vi narrando um jogo de futebol; essa nunca foi uma possibilidade para mim.”

“Meu pai sempre me levou ao Maracanã e também aos jogos que fazia com os amigos. Desde pequena, estar em um ambiente predominantemente masculino sempre foi algo muito natural para mim.”

“Quando surgiu o concurso da Rádio Globo, eu estava procurando um estágio. Pensei que aquela poderia ser uma oportunidade para entrar na emissora, mesmo que não fosse como narradora. Nunca imaginei que a narração se tornaria minha profissão.”

2- Sobre o concurso “Garota da Voz”, da Rádio Globo

“Acho que um dos meus diferenciais foi reunir duas características: acompanhar futebol desde pequena e ter uma voz que agradava à equipe naquele momento. Muitas participantes tinham uma voz excelente, mas não acompanhavam futebol; outras conheciam muito do esporte, mas não tinham uma voz considerada adequada para o rádio.”

“Foi nesse concurso que comecei a gostar de narrar. Até então, eu nunca tinha pensado nessa possibilidade.”

3- Sobre a primeira transmissão

“A primeira vez nunca vai ser perfeita. Eu não tinha noção de como narrar um jogo inteiro, porque, durante o concurso, narrávamos apenas pequenos lances. Quando terminei minha primeira transmissão, saí com dor de cabeça.”

“Quando me ligaram para fazer México e Croácia, faltava pouco tempo para o jogo. Eu não tinha conseguido estudar praticamente nada, mas aceitei. Sempre pensei que dizer ‘não’ poderia fechar uma porta. Então eu ia, mesmo tremendo.”

4- Sobre estudar para narrar

“Quando terminou o concurso da Rádio Globo, percebi que precisava estudar. Fiz um curso de rádio durante seis meses para me especializar.”

“Se eu não estudar para um jogo, nem sei como conseguiria fazer a transmissão. O estudo me dá segurança para entrar no ar.”

“Estudar é obrigatório, mas não significa que todas as informações precisam ser utilizadas durante a transmissão. Elas devem aparecer quando fizerem sentido dentro do jogo.”

5- Sobre o estilo de narração

“Acho que futebol é entretenimento. As pessoas assistem para se divertir e relaxar. Por isso, uma narração excessivamente séria não combina comigo.”

“Procuro unir credibilidade nas informações com uma transmissão mais leve.”

“A cada jogo vou descobrindo coisas novas. Algumas expressões funcionam bem e passo a utilizá-las mais; outras percebo que não ficaram boas e deixo de usar. Estamos sempre em constante evolução.”

6- Sobre referências profissionais

“Gosto muito do estilo do Milton Leite. Acho que ele consegue transmitir leveza e se conectar com qualquer público. Do Galvão Bueno, admiro a forma como constrói a emoção dos momentos decisivos.”

“A ideia não é copiar ninguém, mas buscar referências em diferentes profissionais para construir um estilo próprio.”

7- Sobre rádio e televisão

“No rádio, o ouvinte não está vendo a partida. Por isso, é preciso descrever tudo, sem deixar espaços vazios. Na televisão, o público já acompanha as imagens; o narrador precisa acrescentar informações ao que está sendo mostrado.”

“São linguagens completamente diferentes. Hoje faço televisão, e considero o rádio ainda mais difícil.”

8- Sobre mulheres na narração

“Durante muito tempo, existia a ideia de que narrador precisava ter uma voz mais grave. Hoje isso já não é uma exigência nem entre os homens.”

“Acho que o estranhamento acontece porque passamos a vida inteira ouvindo apenas homens narrando futebol. Quando surge uma voz diferente, é natural que as pessoas estranhem no primeiro momento.”

“Não acredito que exista uma voz ideal para narrar. O mais importante é como a história é contada, a emoção transmitida e o estilo de cada profissional.”

“Na época em que a Globo me contratou, fiquei surpresa. Achei que a emissora ainda demoraria mais para ter uma narradora na principal televisão do país.”

“Percebi que havia um movimento importante de diversidade dentro da empresa, buscando ampliar a presença de mulheres, pessoas negras e profissionais LGBTQIA+.”

9- Sobre a história na Globo

“Quando cheguei à Globo, não fui colocada imediatamente no ar. Passei semanas apenas treinando, sempre acompanhada por profissionais que avaliavam minha narração e apontavam o que precisava ser ajustado.”

“Esse processo foi muito importante porque me deixou mais preparada e mais segura para estreiar.”

10- Sobre confiança e oportunidades

“Sempre fui uma pessoa que encarou desafios sem muito medo. Muitas vezes eu aceitava uma oportunidade primeiro e só depois pensava no tamanho do trabalho que ela daria.”

“O apoio da família e das pessoas que acreditaram no projeto foi fundamental para que eu percebesse que essa poderia, de fato, ser uma carreira.”